

ALAVOURA

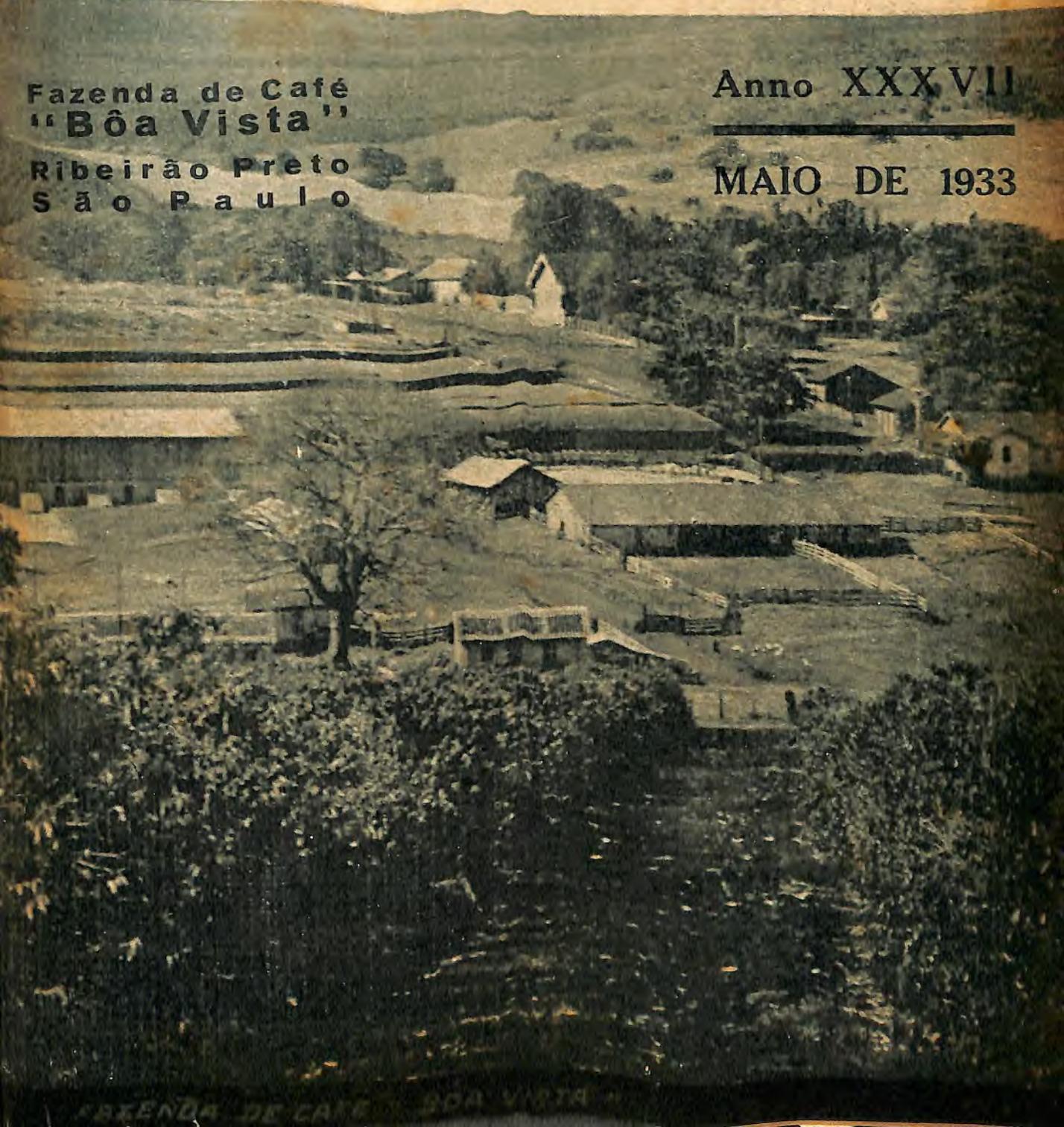
Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Fazenda de Café
"Bôa Vista"

Ribeirão Preto
Sã o P a u l o

Anno XXXVII

MAIO DE 1933



Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897
Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo Presidente honorario
Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

Presidente — Indefonso Simões Lopes
1.º Vice-Presidente — Arthur Torres Filho
2.º Vice-Presidente — (Vago).
3.º Vice-Presidente — Cacildo Krebs Filho
1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara
2.º Secretario — Ottoni Soares de Freitas
3.º Secretario — Luis Simões Lopes
4.º Secretario — Alpheu Domingues
1.º Thesoureiro — (Vago).
2.º Thesoureiro — José Sampaio Fernandes

DIRECTORIA TECHNICA

Alberto José de Sampaio
Alcides de Oliveira Franco
Altino Sodré
Augusto Ferreira Ramos
Carlos de Souza Duarte
Francisco de Assis Iglesias
Joaquim Luis Osorio
José Gomes de Faria
Moacyr Alves de Souza
Otto Pecego

CONSELHO SUPERIOR

Afonso Vizeu	Eusebio de Oliveira	Julio Eduardo da Silva Araujo
Aleixo de Vasconcellos	Fidelis Reis	Luiz de Faria
Alvaro Simões Lopes	Francisco Leite Alves Costa	Marcus Migliewich
Amancio Marsilac Motta	Gustavo da Silva D'Utra	Mario Saraiva
Americo Braga	Heitor Vinicio da Silva Grillo	Mario Telles da Silva
Antonio Barreto	Henrique Silva	Oswaldo Freire Braga de Se- queira
Antonio Cavalcanti de Albuquerque	J. C. Bello Lisboa	Paulo Berredo Carneiro
Antonio F. Magarinos Torres	Jayne Bernardes Cotrim	Paulo Campos Porto
Arsene Puttemans	João Baptista de Castro	Paulo Parreiras Horta
Arthur Cardoso Ayres de Holanda	João Gonçalves Pereira Lima	Raul Pires Xavier
Benedicto Raymundo da Silva	Joaquim Bertino de M. Carvalho	Serafim Vallandro
Carlos Alberto Gonçalves	Joaquim Francisco de Assis Bra- sil	Sylvio Ferreira Rangel
Edmundo Berchon des Essart	José Maria Fernandes	Sylvio Torres
Eugenio dos Santos Rangel	José Monteiro Ribeiro Junqueira	Victor Leivas
	Julio Cesar Lutterbach	Virginio Werneck Campello

Summario

MAIO DE 1933

BIBLIOTHECA

da Sociedade Nacional de Agricultura

A MELHOR NO
GENERO DA
AMERICA DO SUL

FRANQUEADA AO PUBLICO
DAS 11 AS 16
HORAS. AOS SABADOS
ATE AS 14.

AS MELHORES
OBRAS AGRONOMICAS
SOBRE

Economia
Lavoura
Criação
Veterinaria
Industrias Rurales

AS MAIS IMPORTANTES
REVISTAS DO MUNDO

RUA 1.º DE MARÇO N.º 15
RIO DE JANEIRO
BRASIL

A CARESTIA DA VIDA E A PRODUÇÃO AGRICOLA

Pelo Dr. Arthur Torres Filho, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

RAÇAS DE FUNÇÕES MISTAS — CARNE E LEITE —
SÃO PRATICAVEIS EM CRIAÇÃO?

Pelo Conde de S. Mamede

O PROBLEMA DO NORDESTE EM SEU CONJUNTO E EM
SUAS SOLUÇÕES

Conferencia do Dr. Ildefonso Simões Lopes, Presidente da S. N. de Agricultura

PLANTEMOS MAIS AMOREIRAS

Pelo Eng. Agro. Mario Vilhena

A NOSSA POLITICA DO CAFE'

Conferencia do agronomo Argollo Ferrão, na Sociedade Nacional de Agricultura

FRUTICULTURA DOS CLIMAS QUENTES — A
CARAMBOLA

HABITAT RURAL BRASILEIRO

Pelo prof. de Botanica do Museu Nacional,
J. A. Sampaio

RURALIZAÇÃO DO NORDESTE

Pelo agronomo José F. Ferreira

PROBLEMAS DO CAFE'

Consumo. — Torrefacção. — Degustação. — Propaganda do café no estrangeiro. — Campanha pró-purificação do café. — Conferencia realizada na Sociedade N. de Agricultura pelo agronomo William W. Coelho de Souza.

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

PREVIDENTE

FUNDADA EM 1872

RIO DE JANEIRO

Sede: Rua Primeiro de Março, 49 — (Edifício Proprio)

TELEPHONES: Directoria — 4-1561 — Gerencia — 4-2161

SÃO PAULO

Succursal: RUA QUINZE DE NOVEMBRO 53 — Telephone: 2-1190

Capital integralizado	2.500:000\$000	Deposito no Thesouro Nacional	200:000\$000
Reservas	4.050:517\$350	Sinistros pagos	18.269:209\$207
Immoveis, apolices e outros valores	6.798:093\$250		

TAXAS MODICAS

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1932

ACTIVO		PASSIVO	
Immoveis:		Capital integralizado	2.500:000\$000
28 predios de propriedade da Companhia (valor do custo)	2.398:737\$500	Fundo de reserva	1.459:643\$000
Titulos:		Reserva de riscos não expirados	400:000\$000
1.000 apolices da Div. Publica de 1:000\$ cada uma, de diversas emissões, nominativas, juros de 5 %	903:493\$100	Reserva para sinistros a liquidar	90:000\$000
1.000 ditas do E. do Rio, nominativas, de 500\$ cada uma, juros de 6 %	469:843\$900	Reservas extraordinarias	850:000\$000
1.000 ditas da Pref. de B. Horizonte, nominativas, nominativas, de 200\$ cada uma, juros de 6 %	151:694\$900	Lucros e perdas	1.250:874\$350
1.000 ditas da Pref. do D. Federal, nominativas, de 200\$ cada uma, juros de 6 %, do emprestimo de 1906	195:018\$000		
1.000 ditas, idem, do emprestimo de 1914	196:415\$000	Apolices da Div. Publica depositadas	
1.000 ditas, idem, idem, do emprestimo de 1917	186:458\$000	Thesouro Nacional	200:000\$000
2.500 acções da Cia. de Seguros Integridade	801:213\$000	Caução da Directoria	80:000\$000
	2.904:135\$900	Honorarios e percentagens á Directoria	37:500\$000
Deposito no Thesouro Nacional	200:000\$000	Dividendos e bonus a pagar	22:010\$000
Accções caucionadas	80:000\$000	Imposto de fiscalização	21:522\$100
Juros e dividendos a receber	66:000\$000	Dividendo 112.º	150:000\$000
Alugueis a receber	82:456\$800		
Succursal em S. Paulo	25:435\$000	Fundo de previdencia	16:543\$800
Seguros	90:903\$500		
Contas correntes	720:000\$000		
	984:795\$300		
Sellos — Valor em estampilhas	3:997\$700		
Bancos — Saldos a nifavor	488:545\$550		
Caixa — Saldo existente	17:881\$300		
	506:426\$850		
	7.078:093\$250		7.078:093\$250

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1932. — João Alves Affonso Junior, presidente. — Joaquim Cerqueira, guarda-livros.

RELAÇÃO DOS IMMOVEIS DE SUA PROPRIEDADE

Rua 1.º de Março (sede)	49	Rua de São Pedro	233
Rua Republica do Perú	10	Rua de São Pedro	247
Rua Theophilo Ottoni	98	Rua do Rosario	157
Rua Theophilo Ottoni	121	Rua Saccadura Cabral	193
Rua Theophilo Ottoni	192	Rua Luiz de Camões	69
Rua Theophilo Ottoni	195	Rua Buenos Aires	329
Rua Theophilo Ottoni	197	Rua Senador Vergueiro	148
Rua Theophilo Ottoni	199	Rua Senador Vergueiro	150
Rua da Quitanda	35	Rua D. Manoel	52
Rua da Quitanda	94	Rua General Camara	129
Rua da Quitanda	192	Avenida Passos	53
Rua da Quitanda	194	Becco do Bragança	11
Rua de São Pedro	30	Becco do Bragança	34
Rua de São Pedro	183	Becco dos Ferreiros	12

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1932.

a l a v o u r a

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Anno XXXVII



Maio de 1933

A carestia da vida e a produção agrícola

Se ha assumpto de preocupação mundial é o que se entende com o *custo da vida*. Mesmo antes da Grande Guerra, já se notava alta sensível em todas as utilidades indispensaveis ao homem.

Em varios paizes já haviam surgido as cooperativas de consumo, as ligas de consumidores as cozinhas populares, etc, travando-se luta contra o augmento cada vez maior dos preços.

Causas multiplas podem concorrer para a alta dos preços das mercadorias, salientando-se como principaes, as de ordem financeira, economicas, demographicas e até mesmo politicas. Não viria a pello examinar o assumpto sob todos seus aspectos neste momento.

Um facto que merece desta que é o de terem ficado todas as fontes de produção mundial muito perturbadas depois da Grande Guerra, ocasionando esse estado de coisas, em vista da interdependencia dos phenomenos economicos, forte especulação mercantil em diferentes paizes. Outro aspecto grave do momento, que está preocupando os meios financeiros, é o

ARTHUR TORRES FILHO
Presidente da S. N. de Agricultura



referente á *crise monetaria*, e consequentemente, á *questão cambial*, cujas oscillações estão a exigir cada dia maior intervenção dos governos.

Em relação á situação interna de cada paiz ainda se tem de levar em conta os desequilibrios da balança commercial, os deficits orçamentarios, as emissões de papel-moeda inconversivel as despesas com obras improdctivas, etc. A intolerancia fiscal com a aggravação dos impostos constitue outro ponto digno de ser salientado. São esses alguns dos factores que têm concorrido para a elevação geral dos preços em todos os paizes, apesar dos abundantes recursos actuaes de produção.

No dizer de Georges Renard' "o mal sendo quasi universal, os remedios precisam ser internacionais". Isso não importa a cada paiz descuidar-se da sua situação interna augmentando a

produção e procurando regular o consumo.

Os estudos das condições de mercado para os diferentes productos; as investigações que facilitem uma produção abundante e a preços modicos com facil circulação, são providencias que precisam e devem constituir programma social e economico da mais alta significação para a vida dos povos.

Póde-se dizer que, no actual momento, o Brasil é um dos paizes do mundo em que a vida, em ouro, menos tem encarecido.

Esse facto vem compensar, até certo ponto, o custo das mercadorias importadas. Sobre o consumo total póde ser assim dividido, em percentagem, o que o paiz consome internamente: productos agricolas nacionaes, 40%; productos agricolas estrangeiros, 3%; productos industriaes nacionaes, 3 ½%; productos industriaes estrangeiros, 25%.

Deante da situação excepcional em que nos encontramos, todo esforço deve ser desenvolvido afim de que os generos de primeira necessidade cheguem aos

centros consumidores por preços acessíveis.

Causas multiplas estão concorrendo para que a livre competição dos mercados seja rompida, podendo ser destacada dentre ellas, as seguintes: a criação de organismos artificiaes, as chamadas "defesas" incumbidas de dirigir a distribuição, perturbando as relações directas entre a oferta e a procura; os impostos fretes e dificuldades de transporte actuam sobre os generos de produção e consumo a partir dos centros agricolas; a diminuição da capacidade acquisitiva em geral da produção.

Se quizermos fazer sair o paiz das difficuldades do momento e fazer da agricultura a fonte produtoras no futuro, precisaremos das que se vão apresentar ameaçamental da nossa riqueza. Precisaremos entrar, por conseguinte, em phase intensa de *memoramento* e de *augmento* da produção rural, muito principalmente junto ao grandes centros consumidores, para podermos resistir ao cataclisma economico que abala o mundo.

E' sabido que a nossa produção agricola actual não é abundante, só é obtida com difficuldades, mal pôde circular em nosso vasto territorio e ainda está sujeita, por vezes, á excessiva e desordenada tributação. O barateamento da vida só pôde resultar da influencia do esforço da produção para supprimento permanentemente e abundante dos mercados. As medidas coercitivas só devem ser tomada com muita cautela para não trazer desanimo e desconfiança aos productores. Toda a acção de-



se

DESEJAES

andar bem informados acerca das relevantes questões que affectam o desenvolvimento economico do Brasil, lêde A LAVOURA e propague entre os vossos amigos e collegas a leitura desta util publicação.



verá ser desenvolvida para pôr em contacto o productor e o consumidor supprimindo o mais possivel os intermediarios.

O equilibrio do preço das mercadorias é *uma resultante do equilibrio geral do mercado*. Não nos deveremos esquecer que o estudo dos problemas que se prendem ao mecanismo, tanto da formação, como da variação dos preços, é o que mais tem chama-

do a attenção dos economistas nos ultimos tempos.

Os *interesses da produção nacional* deverão ser aquelles que maiores cuidados precisam merecer da acção governamental, considerando-se sagrados os direitos da classe agricola.

Valorizar o homem no Brasil, elevando o padrão da vida brasileira e augmentando o seu poder acquisitivo, eis qual deve ser a nossa orientação.



Raças de funções mixtas — Carne e leite — São praticaveis em criação?

Leite e carne são funções opostas, como são o desenvolvimento precoce e o lento.

Na produção de carne a precocidade é muito importante, é quasi tudo.

A carne de um animal vacum com mais de 3 anos de idade tem classificação inferior.

Em animaes de grande função de leite, a longevidade é uma preferencia de economia capital.

Um animal de açougue só pôde ser usado uma vez. No de leite repete a função em varios anos; repete lucros. Como reunir esta divergencia para um criador?

As raças de funções duplas nunca foram comercialmente populares. Se existe verdade economica nas raças mistas, porque é que as mesmas não dominam os meios criadores?

Conde de São Mamede,

O PROBLEMA DO NORDESTE EM SEU CONJUNTO E EM SUAS SOLUÇÕES

O Sr. Dr. Simões Lopes, illustre presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e membro proeminente da comissão que, em 1922, visitou as Obras do Nordeste, acquiescendo ao convite que recebeu da Sociedade Amigos de Alberto Torres, realizou ali a seguinte importante conferência.

“Não venho fazer uma conferência, mas uma simples palestra.

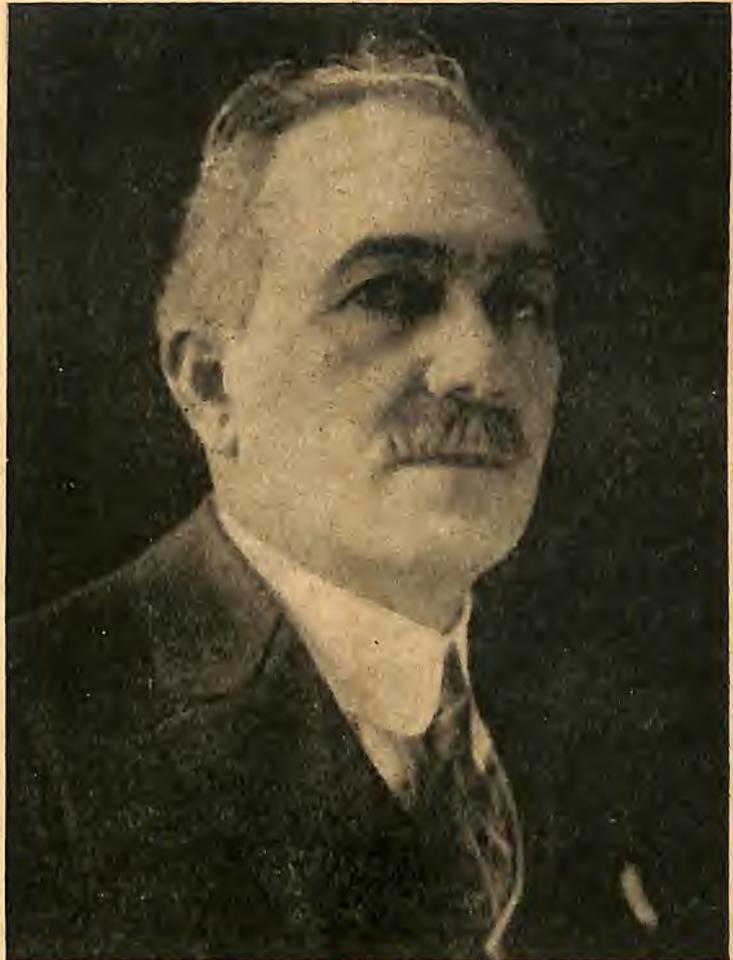
Asumpto tão complexo, abrangendo aspectos sociaes, economicos, technicos, financeiros, já versado por tão illustres homens publicos e profissionaes de nomeada, mereceria, talvez, mais do que isso, ser objecto de um congresso especial, no qual pudessem ser apuradas conclusões consagradas pela autoridade de seus membros.

Ahi seriam dirimidás questões fundamentaes, sobre a natureza e classificação das obras a executar, uma vez que technicos, de grande valor profissional, opinam differentemente sobre o alcance de algumas dellas, reputadas essenciaes por outros não menos distintos especialistas.

CREDECENCIAES

Não venho, entretanto, abrir debate circumstanciado sobre essas divergencias, que muito alongariam as considerações, que tenho a honra de submeter á vossa esclarecida opinião.

Entretanto, como um dos fundadores do Centro Alberto Torres, que não ha muito assignou uma indicação para que o secular problema figurasse expres-



Dr. Ildelfonso Simões Lopes

samente na futura Constituição por ser assumpto magno de humanidade e civilização, entendi de meu dever não recusar-me ao honroso convite para realizar esta singela palestra, de vez que outros consocios têm de publico externado as suas valiosas opiniões.

Quem leu os dois relatorios da Comissão Rondon, Moraes Barros, Simões Lopes que visitou em fins de 1922, as Obras do

Nordeste, conhece as nossas impressões sobre a região e sobre as obras, especialmente nos Estados do Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, que percorremos em mais 6.000 kilometros escalando por 163 cidades, villas e povoados, transpondo 52 rios e galgando 25 serras.

Antes de partir, estabelecemos com o honrado Presidente Epitacio Pessoa as seguintes condições, rigorosamente observadas:

1. Gratuidade do nosso serviço;

2. Recusa de banquetes ou manifestações;

3. Liberdade de critica.

Tive a honra de relatar a parte technica relativa ao abastecimento de aguas, no primeiro desses relatorios, publicado no "Diario Official", de 20 de Fevereiro de 1923 e de ser o relator do segundo, em 2 de Dezembro de 1923, ambos constantes de folhetos impressos e divulgados.

Tenho do Nordeste mais de 300 photographias, como vêdes, de lá trazendo, além disso, 3.000 metros de films de todas as obras de açudagem, estradas de ferro e de rodagem, portos e instalações diversas, concernentes aos grandes serviços publicos ahí iniciados sob o governo daquelle grande Presidente.

Esse film apenas levado ao publico uma vez, em meados do anno proximo passado, e esse dois relatorios a que acima me refiro, constituem a melhor documentação do que occorria naquelles tres Estados ao fim de 1933.

Apo: essa longa vistoria, procuramos descrever o andamento das meritorias obras, sobre as quaes expendemos critica livre e sincera á luz da nossa intelligencia e do escasso tempo disponivel para o exame dos formidaveis e complexos planos em execução.

Formulámos por fim, algumas suggestões que não sei, até este momento se foram ou não observadas pelas successivas administrações.

Taes são, meus senhores, as credenciaes que me animaram, a dizer algumas palavras sobre este relevante assumpto.

Segundo alguns, mais de 25% da superficie total dos continentes do mundo recebe menos de nuaes e mais de 50% dessa superficie dispõe de precipitações

250 millímetros de chuvas an-inferiores a 500 millímetros.

Por ahí se pode julgar das difficuldades que assaltam a agricultura universal que responde pelas colheitas para todas as necessidades do homem, dos animaes e das variadas industrias correlatas.

A chuva caracteriza geralmente o clima, pode-se dizer, e este se reflecte na flora e nas suas divisões botanicas.

No Brasil, coube ao Nordeste o peor quinhão das adversidades naturaes, pela escassez de chuvas, factor primacial do bem estar e do progresso das populações. Basta lembrar que são precisos, em média, 400 kg. de agua para obter-se 1 kg. de materia secca das diversas variedades de cereaes e forragens.

Entretanto, em certos periodos, mais ou menos longos, as médias pluviometricas, nesses tres Estados, se elevam a mais de 50 millímetros.

E esses periodos são por vezes mais prolongados do que se supõe.

Aquí temos sob os olhos um quadro que abrange 15 annos 1896-1910, relativos ás chuvas em Quixeramobim, que registra o minimo de 307 mm em 1908, diversos annos acima de 400 millímetros e outros de mais de 1.000 millímetros, dando para esse centro do sertão cearense a média de 591 millímetros.

Ha, porém, a considerar as seccas prolongadas de dois e mais annos, que perturbam a vida economica e social das populações e que só poderão ser conjuradas ou attenuadas com medidas muito especiaes, de custo elevado, consistindo principalmente por meio de possantes açudes que resistam, nessas estiagens, a evaporação diaria, que chega a attingir, por vezes mais de 10 millímetros.

Nessas occasiões, todas as aguas superficiaes desaparecem: os rios, os pequenos e médaquelles, o lençol dagua subterraneos açudes, e, no proprio leito raneo desce tanto que tornam-se impraticaveis essas originaes culturas que eu nunca tinha visto, feitas nos leitões desses rios.

Morrem as lavouras e os capins mais resistentes, ficando apenas verdejantes algumas arvores espinhosas, ou algumas leguminosas e os cactus, que são devorados, após passados pelo fogo, pelos animaes.

A principio, o homem achega-se ás encostas das serras, onde ainda fluem pequenos lacrimaes. Outros, cavam o sub-sólo até onde dão as suas forças montando os seus originaes moinhos a vento, integralmente feitos de canaúba, inclusive o corpo da bomba.

O cyclo funesto, resistencia da raça — Depois, tudo isso cessa e as populações marcham para o littoral em busca de recursos, alheios á produção local. Os animaes tambem vão se retirando e succumbindo, até mesmo a cabra e o jumento, dos mais sobrios companheiros do homem no rancho sertanejo.

E dessa fórma, em repetidas vezes, têm sido arrebatadas ao Nordeste as centenas e centenas de milhares de seus filhos e aniquillados os restantes em suas energias e háveres.

Tal é, em pallida synthese, a historia cyclica dessa brava gente, que nos ajudou nos surtos de nossa independencia politica e na formação geographica, intellectual e ethnica da nacionalidade, e cuja singular estrutura moral é mesmo digna da penna fulgurante de Euclides da Cunha.

Não obstante, o homem, ali nascido e criado, ha seculos se defende como pode, enfrentando com coragem e resignação here-

ditarias os golpes repetidos do destino, as agruras desse aspero clima, *silva horrida*, na opinião de Martius, *latim alarmado*, na palavra de ouro de Euclýdes da Cunha, trabalhando sempre e produzindo sempre, sem poder contudo emparelhar-se, nos efeitos do seu audaz labor, ás populações de outras paragens mais acariciadas pela mão divina.

Assim é que, apesar dessas heroicas energias, a produção é franca quer por unidade de superfície cultivada, quer por cabeça de habitante.

De facto, já não falando em S. Paulo, o trabalho humano reduzido a moeda, é ali um terço ou menos do que em qualquer daquellas infelizes regiões.

Refiro-me especialmente aos Estados do Ceará, Parahyba e Rio Grande do Norte, em confronto com outras zonas sulistas, nos annos de 1929.

Algodão, outras riquezas, opinião de Pearse. — Mas estarão esgotados, porventura, todos os recursos da sciencia para a modificação economica de tão extensa e futura gleba dotada de terras ferteis, de sitios pittorescos, batidos quotidianamente pelo "Aracaty", vento fresco e reparador, dotada de especies e variedades vegetaes preciosas algumas dellas do maior apreço mundial?

O algodão do Nordeste, disse-o Arno Pearse, chefe da missão algodoeira que nos visitou, bem tratado será o melhor de todos, não existindo parte nenhuma do planeta onde tenha elle tão ra-

pido crescimento. Esse perito inglez ficou extasiado. No seu relatório, afirma que o "long staple cotton on trees" não necessita de replantação por 15 annos, ou mais.

Eu mesmo tive occasião de ver um pé de 22 annos, na propriedade de Raymundo de Araujo, o *sabio empyrico*, como o chama que colhia por hectare 2.400 kgs. com irrigação e cinco limpas.

Tudo isso levou o tecnico inglez á seguinte conclusão, que, em vista da escassez geral do algodão no mundo, sob condições normaes, este producto no Brasil manterá sempre a sua posição.

E as fibras?

E os oleos, e os côcos, e os cereaes, coisa rara, com duas colleitas garantidas desde que se lhes dê a agua necessaria?

Quanto ás fibras, tenho em meu archivo a documentação completa dos serviços que, visando resolver o problema da saccharia, mandei executar no paiz e no estrangeiro, para o aproveitamento de caroá, silvestre e abundante nos sertões do Norte.

Categorias de Obras, diferentes opiniões — Quanto aos oleos vegetaes, designei logo Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, para o recenseamento dos recursos existentes e o exame, *in loco*, dessa preciosa riqueza, ainda hoje embryonaria, mas que, amanhã, será victoriosa em toda a linha.

E', preciso, porém, desde logo distinguir naquella climatologia

especial, alguns periodos de intensas seccas e a generalidade de outros annos de médias pluviometricas favoraveis, dentro das quaes tornam-se possiveis os methodos do "dry-farming" perfeitamente viaveis para precipitações acima de 300 mil milímetros.

E' mister executar um plano systematico para cada um desses periodos diferentes, cujos remedios devem ser tambem diferentes.

Ahi é que os criterios se diferenciam pela natureza e categoria das obras indicadas.

Ha quem pense que não se deve cogitar de grande açudagem, sendo preferiveis os pequenos e médios açudes numerosos e disseminados.

Pequeno açude é o de capacidade até 3 milhões de metros cubicos.

Médio, o de 3 a 10 milhões de metros cubicos. Grande, o de bacia hydraulica superior a 10 milhões de metros cubicos.

O distincto engenheiro André Rebouças, que com tanta competencia dirigiu serviços de obras contra as seccas, emittiu francamente a sua opinião. Preconizava elle a construcção em 30 annos de 3.000 obras desta natureza, avaliadas então em 105 mil contos. Mais 300 barragens médias que custariam 120 mil contos. Para André Rebouças essa seria a melhor solução do problema d'agua no Nordeste.

Nesse ponto não concordo com o meu distincto amigo e illustre engenheiro.

Arvores frutiferas? ornamentaes?

Desejais as mais vigorosas e perfeitas a preços sem competidor?

Pedi informações a Caixa Postal 1245

Rio de Janeiro



O *Dry-Farming*, o exemplo americano — Não confio na resistência à evaporação desses fracos lençóis d'água superficiaes em terrenos em que a temperatura junto ao sólo chega a 70° centigrados e onde se tem registrado evaporações de 12 milímetros diários. Entendo que não se poderá dispensar a grande açudagem.

O Quixadá, que pertence já a esta categoria, com os seus 137 milhões de metros cubicos e com 3 metros de evaporação annual perde 40 % de seu volume total. Aos longos periodos de relativa bonança succedem-se outros de miseria e exterminio.

Aos 15 annos que anteriormente citei, seguiam-se os de 1915 e 1919, que profundos vestigios deixaram na economia do Nordeste.

O *dry-farming*, os pequenos e médios açudes, as barragens submersíveis, a fenação e ensilagem, não são evidentemente capazes de conjurar os efeitos da falta de chuvas por dois ou mais annos.

Para esses casos que representam 20 % na vida meteorica daquella região, é mister, como pensamos, melhores providencias. Isto é, abastecimento d'água que resista a essas tão longas estiagens.

Teremos então de cuidar tambem de obras que eu chamaria de *emergencia*, nucleos de abastança em torno desses possantes lagos artificiaes, servindo a terras desapropriadas pelo Estado, com um plano harmonico e ao mesmo tempo de soccorro publico.

Feitas as obras de primeira categoria, augmentar-se-iam as resistencias das populações, que só em extremo se abeirariam desses lagos antes da ambicionada transformação climatologica, produzida pelas evaporações sobre aquellas extensas colinas e valles escaldantes.

Não penso como muitos, que a unica solução esteja no abandono dessas regiões, cujos habitantes seriam transportados para outras glebas mais ao sul, onde pudessem permanentemente fixar-se.

E' preciso attender a que as seccas como vemos não são continuas; que longos periodos se succedem sem esse flagello, o que não se dá em muito logares onde as populações só se podem manter nas areas irrigadas.

Epitacio Pessoa, com o seu grande coração de patriota e a sua intelligencia fascinante foi o unico estadista que enfrentou seriamente esse problema, talvez com intensidade superior á nossa capacidade financeira, mas com a concepção perfeita de um plano que, systematicamente seguido, havia de alterar a feição social e economica daquelles territorios.

A *idéa do despovoamento* — de Presidente, com as palpitan-tes emoções do seu elevado *es-Palavras de Epitacio* — O gran-ppirito nacionalista e com os re- por vezes ironica e causticante, verberos de sua palavra de ouro um dia, disse: "Para que irrigar o Nordeste, dar ás regiões mais fertéis do Brasil a constancia a riqueza nacional thesouros in- nescotaveis, reconhecer aos seus dessa fertilidade, criar ali para habitantes o direito de viver onde nasceram, onde morreram seus paes, onde, á custa de trabalho, e sacrificios, conseguiram accumular bens de fortuna.. Para que?! Pois não é mais simples e menos oneroso despovoar os sertões de 9 Estados da Republica e remover esses seis ou oito milhões de criaturas para outros pontos do territorio nacional?!"

Que importa não possam trazer consigo e a União lhes não possa pagar as suas casas, os

seus gados, as suas propriedades?!

Que importa, se é honra e fortuna virem ricos e pobres, letrados e analphabetos, doentes e são, fazer de colonos, nas terras uberrimas do Sul?"

Assim falava esse eminente homem publico com a razão e com o coração.

De facto, não é justificavel, não é humano arrancar dos seus lares seculares esses nossos heroicos co-irmãos.

Devemos, antes, seguir o exemplo de outros povos, que procuram corrigir males semelhantes pela pratica de methodos hoje consagrados, especialmente nos Estados Unidos, de cultura em terras semi-aridas e pela execução simultanea e systematica de obras de caracter preventivo norteadas por estudos scientificos, cautelosamente feitos e conforme as possibilidades financeiras do Estado, a quem cabe custear tamanhos empreendimentos.

Desde que tombem chuvas de 300 millímetros para cima, esses methodos têm dado excellentes resultados em diversos países.

O modo de tratamento da terra, a época da sementeira, a profundidade da semente, a sua quantidade e qualidade, o modo de semear e os posteriores cuidados culturaes, tudo isso constitue um conjuncto de regras especiaes para o caso tambem especial de diminutas precipitações pluviaes, providencias que opportunamente tomadas, são capazes de influir no exito das colheitas em terrenos semi-aridos, augmentando gradativamente a productividade da terra.

Plantemos mais amoreiras!

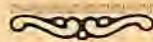
Antes de iniciar a criação do bicho da sêda é preciso plantar boas amoreiras. A melhor arvore nasce da melhor semente — A melhor semente é produzida pela melhor arvore. Como se organiza uma sementeira de amoreira

Sem amoreiras não pôde haver, nunca haverá, sericicultura. Assim, quem quizer dedicar-se á criação do bicho da sêda tem que começar plantando amoreiras. E, como vae mesmo gastar tempo, dinheiro e terreno, é intuitivo que plante bem, para mais tarde possuir optimas arvoredos, productoras de excellentes folhas.

Pelos estudos que tenho feito do assumpto, pelas diarias observações nesta Estação, cheguei á conclusão de que a melhor amoreira nasce da melhor semente. Dahi o meu ponto de vista: devemos organizar os nossos amoreiraes lançando mão de mudas oriundas de sementes e não de estacas. Por que? Porque a planta nascida de semente é mais vigorosa, mais productiva, mais duradoura. Custa mais a ser aproveitada, mas essa demora é fartamente compensada. E' assim que se faz na Italia e se lá o processo só tem dado bons resultados, tanto que ninguem se utiliza de estacas para reproduzir amoreiras, isso deve convencer-nos que de facto só se deve plantar amoreiras por meio de sementes, pois a Italia pôde dictar regras em materia de sericicultura.

Mas como se obtêm amoreiras

Eng. Agr. MARIO VILHENA,
Technico-Auxiliar da Estação
Sericicola de Barbacena.



por meio de sementes? E' coisa facil, como vão ver.

Antes de tudo, é preciso escolher uma semente boa. Bom principio, bom fim... A semente boa, é logico, sahe da boa arvore: adulta, sã, sem o menor indicio de doença, productiva, com muita folha e pouco fruto, e que tambem não seja enxertas nem tenha sido desfolhada nos ultimos annos. O ideal é reservar sempre algumas arvoredos optimas só para fornecerem sementes.

Prepara-se a semente quando os frutos estão bem maduros, "cahindo de maduro", sem que, porém, estejam deteriorados. Colhidos, o que se consegue balanceando-se suavemente a arvore, sob a qual se estendeu, previamente, um lençol, *seleccionam-se* cuidadosamente os melhores pelo seu aspecto de saúde, pelo tamanho; depois, são espremidos dentro de uma vasilha com agua limpa, de ma-

neira que as sementes se separem da carne dos frutos. Lava-se successivas vezes até que a agua fique bem clara, mudando-se sempre esta. Então, deixa-se em repouso: as boas sementes, pesadas, com sufficiente material de reserva para o perfeito desenvolvimento do embrião, depositam-se no fundo da vasilha e as sementes estragadas ou podres sobrenadam e são inutilizadas. Retirada a agua, as sementes são depositadas em um panno secco e ficam a enxugar em um aposento arejado, portanto á sombra.

Preparadas as sementes, é da maxima conveniencia o seu immediato plantio, porque assim poucas não germinarão. Aliás, a natureza nos ensina que se deve semear as sementes após a sua produção, pois as arvoredos carregam-se dos melhores frutos justamente na primavera, época aconselhada para a sementeira.

Comtudo, quando fôr preciso as sementes poderão ser conservadas até 12 mezes, não sendo recommendavel guarda-las além desse prazo, porque o coefficiente germinativo iria diminuindo progressiva e sensivelmente.

Importação directa de sementes para horta e jardim — Mel de abelha — Sabonetes medicinaes para cães — Passaros, ovos, gaiolas diversas — Mistura para passaros, aves, gatos, cães de raça e outros artigos.

Mistura balanceada para gallinhas — Mistura balanceada para pintos — Ovos de raça, trocando-se os brancos — Gallinhas de todas as qualidades — Arvoredos frutíferas e ornamentaes —

Casa Jardim

FUNDADA EM 1908

Xaxim — Fibra para orchidéas — Toccos para plantação de orchidéas — Formicidas — Medicamentos para matar ratos e baratas — Mudas de flores. Legitimas formigas Cuyabanas — Matadoras da formiga Saúva.

Para fortificar seus passaros, use o "CANTORIL"!

R. Republica do Perú, 47
(Antiga Assembléa)

Rio de Janeiro

O terreno reservado á sementeira deve ser fresco, solto, facil de ser trabalhado, bem exposto ao sol, proximo a um deposito de agua. Tres mezes antes já foi lavrado e graduado, administrando-lhe, caso não seja bem fertil, 4 ks. de estrume bem curtido por metro quadrado e, si possivel, acompanhados de 100 grs. de escoria de Thomas. Pouco antes da sementeira, lavra-se novamente o terreno, retirando-se tambem aservas damninhas que tenham apparecido. O terreno é então dividido em canteiros, devendo a terra estar bem pulverizada. Faz-se nestes pequenos sulcos transversaes (no sentido da largura) de 3-4 cents. de profundidade e distantes 10 cents. entre si. Deita-se então nesses sulcozinhos as sementes, distantes mais ou menos 1 cent. uma da outra. Para facilidade do serviço, pôde-se mistural-as com cinza ou areia. Após a sementeira, cobre-se com terra bem fina e levemente as sementes, regando-se os canteiros com cuidado, a seguir.

Para cada canteiro deve ser construida uma coberta de bambús e sapês para protecção, quando preciso, as plantinhas contra o sol ardente. Esta cobertura não deve permanecer indefinidamente sobre os canteiros, o que prejudicaria o desenvolvimento das plantinhas; assim serão retiradas de vez em quando, nos momentos em que o sol estiver brando; outrosim, somente são utilizadas enquanto as plantas se mostrarem pequenas e frageis.

Não havendo chuva, convém, para garantir a boa germinação, regar os canteiros de dois em dois dias com regador de crivo fino, quando a terra estiver secca.

Após o nascimento das plantinhas, o que se dá em média 15 dias após a sementeira, espera-

se que ellas contenhão 4 ou 5 folhas para praticar-se o desbaste, que consiste em arrancar (regando antes o canteiro, para facilitar a operação) as mudinhas rachiticas, feias, em beneficio das mais fortes e desenvolvidas, que ficarão com mais espaço, o que é importante para o seu bom crescimento.

A sementeira deve ser conservada livre deervas damninhas, tendo o agricultor o cuidado de, vez em quando de remexer o sólo superficialmente. Faltando chuva, rega-la. Da sementeira as amoreirinhas vão para o viveiro: faz-se essa transplantação no anno seguinte á sementeira e ainda na primavera; tal operação poderá ser praticada antes, si as mudas, em menos de 12 mezes, o que é commum, attingirem bom desenvolvimento, isto é, caule da grossura minima de um lapis, 40 cents. de

altura, "bôa cara", emfim. As mudas rachiticas são conservadas por mais tempo na sementeira até alcançarem desenvolvimento sufficiente, ou então transplantadas á parte, para merecerem tambem cuidados espeziaes.

No viveiro, as plantas são dispostas em sulcos largos e com 20 cents. de profundidade; cada planta fica distante 50 cents. de outra e uma fila de mudas deve estar a 1 metro de outra. Assim, as mudas encontram no viveiro meio mais favoravel ao seu crescimento.

Não se retira á mão as plantinhas da sementeira, mas com enxadão e cuidadosamente de modo que as raizes não sejam offendidas. Para facilitar o arrancamento, rega-se ligeiramente os canteiros, amollecendo a terra. As plantas que podem ir para o viveiro são examinadas, para que para lá não vá alguma com indicios de doença: planta doente deve ser posta de lado e queimada. Pôda-se ainda as raizes que se apresentam porventura machucadas, seccas ou podres, cortando-se ainda a raiz mestra o *pião*, 16 cents. abaixo do collo.

Collocadas as plantinhas nos seus lugares ás distancias já mencionadas, aperta-se a terra em volta suavemente e, a seguir, com um golpe firme, pôda-se todos os pés á flor da terra. Assim preparadas, brotarão immediatamente e com muito vigor: escolhe-se o melhor broto e retira-se todos os outros, quando bem novos, para sahirem com facilidade, sem prejudicar a delicada epiderme da jovem planta.

O viveiro deve ser continuamente vigiado para que nenhum brotinho creesça fazendo concorrência ao broto escolhido para tronco.

Como na sementeira, o terreno do viveiro deve ser escari-

A Lavoura

Revista da Sociedade Nacional
de Agricultura e da Confederação
Rural Brasileira

Fundadas em

16 de Janeiro de 1897, e

7 de Dezembro de 1928

Dr. Arthur Torres Filho

Presidente Interino da Sociedade

Director

Dr. Antonio de Arruda Camara

Redactores

Eng. Ag. Thomaz Coelho Filho

e

Petra de Barros

Gerente

Roberto Dias Ferreira

■

Redacção e Administração:

RUA 1.º DE MARÇO, 15-Sob.

TELEPHONE

4 - 1416

RIO DE JANEIRO BRASIL

ficado de vez em quando e em caso de secca prolongada providenciar a sua irrigação. O terreno do viveiro deve ser igual ao da sementeira e trabalhado profundamente tres mezes antes da transplantação; adubalo si fôr pouco fertil com 2 ks. de esterco curtido por metro quadrado. Pouco antes da transplantação, gradea-lo. No viveiro, não é necessario a organização de canteiros. E' de grande vantagem que o pedaço de terra destinado ao viveiro não tenha sido antes cultivado com amoreiras, para que não contenha alguma molestia ou praga própria dessa planta, e dos elementos os mais necessarios á sua nutrição. E' de bom aviso semear no solo que se vae reservar para viveiro uma leguminosa qualquer, mucuna, caupi, isto é, durante o tempo sufficiente para se transformarem em exemplares fortes, aptos a serem finalmente levados para o lugar definitivo, para o amoreiral. E' ainda no viveiro que se enxerta as mudas, quando tal é necessario, sabido que a folha da amoreira selvagem, quer dizer nascida de semente e não enxertada, é a mais adequada á alimentação do bicho da sêda, conforme o demonstraram numerosas experiencias. Entretanto, ás vezes é necessario o enxerto para garantir boa colheita de folhas, o que cabe ao agricultor resolver, á vista das suas plantas. Enxertadas, as mudas são mantidas mais um anno no viveiro e só então é que poderão ser transferidas para o amoreiral.

As plantas atrasadas do viveiro, não aptas a serem transplantadas ou a serem enxertadas, conforme o caso, são novamente podadas á flor da terra, permanecendo nella para se fortalecerem; e, como da primeira vez, mantido um só broto, pre-

ferindo-se sempre o que sahir mais proximo do córte, se este fôr o mais bonito.

Ainda na primavera devem as plantas ser collocadas no lugar definitivo. Costuma-se dizer que qualquer terra serve para a organização de um amoreiral, o que é verdade. Mas é tambem comprehensivel que si escolhermos para a implantação de um amoreiral um terreno que satisfaça ás necessidades da amoreira, ella nelle desenvolver-se-á em melhores condições, produzindo grande quantidade de excellentes folhas.

Planta-se a amoreira em terreno bastante profundo, mais ou menos solto, com uma constituição harmoniosa de silicia, cal, e argilla, permeavel á agua da chuva e ás raizes e facil de enxugar-se. E' condemnavel a cultura da amoreira em terrenos humidos, impermeaveis, de baixada, onde a agua empôça, porque as arvores têm vida brevissima, devido ás molestias que as perseguem; e, por outro lado, folhas de amoreira cultivada em tal meio não se prestam á alimentação dos sirgos, por aquosas, pouco nutritivas. Deve-se cultivar a amoreira de preferencia nas collinas e, nos terrenos inclinados, para se evitar a prejudicialissima acção das aguas das chuvas, que arrastam da superficie do sólo todos os seus principios nobres, é necessario a adopção das banquetas. E' indispensavel ainda que o terreno seja muito bem banhado pela luz solar. O amoreiral deve

ser situado o mais proximo possivel das sirgarias, para que a colheita das folhas se faça rapida e economicamente e, o que é mais importante, para que a folha não seja administrada aos bichos amassada, passada e ás vezes até com principio de fermentação.

Sendo possivel, o terreno deve ser bem lavrado tres mezes antes e abertas as covas a 5 metros de distancia em todos os sentidos. 50 cents. de profundidade e 1 metro de cada lado.

Adopta-se a cultura de baixo fuste — amoreiras da altura do homem — isto é, pequenas, todos os pés bem banhados pelo sol, colheita facilima, facéis tambem aos cuidados de pôda, limpeza, etc.

Para se obter amoreiras de baixo fuste, basta cortar as mudas sufficientemente desenvolvidas a 50 cents. da terra, ainda no viveiro: depois, deixa-se crescer apenas os tres brotos mais proximos da extremidade e, sucessivamente, educa-se a arvore para a fôrma racional de um vaso aberto, para haver um perfeito arejamento em toda a planta. Em cada tres ramos deixa-se, no anno seguinte, apenas dois brotos, os mais proximos do córte; depois, em cada um destes, na pôda seguinte, outros dois brotos. Caso, porém, a muda não tenha alcançado o desenvolvimento sufficiente para se iniciar no viveiro esta educação, fa-la-emos após a sua transplantação para o local definitivo.

**AS CRIANÇAS DE PEITO CUJAS MÃES OU AMAS
SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
FICAM BELLAS E ROBUSTAS**

FRANCISCO GIFFONI & CIA. - Rua 1.º de Março, 17 - Rio de Janeiro

Transplanta-se as mudas em dia bonito, sem vento; retira-se por dia do viveiro, e com cuidado, a quantidade de mudas a ser plantada no mesmo dia, supprimindo-se toda a folhagem por meio de um podão bem amolado. Examina-se as raízes, podando as que estiverem offendidas e corta-se um pedaço do *pião*. Ao lançar-se as mudas nas covas deve-se amarrá-las mas não apertando a um tutor de bambú, para que o tronco não entorte depois. Para evitar parasitas e molestias é aconselhável cair os troncos, cuidados que deve ser renovado depois, de quando em quando, escovando-se antes da caiação os troncos, para arancar os lichens diversos.

Percorrer o amoreiral de dois em dois dias, arrancando delicadamente os brotos novos que nascerem abaixo da copa. Mais tarde se se verificar que algum

pé morreu, substitui-lo, no caso em que a morte não haja sido ocasionada por doença, pois então se deixará a cova vaga por alguns mezes, pondo-lhe mesmo um pouco de cal virgem.

Finalmente, desde a semente deve-se preferir a amoreira branca — *Morus alba* — na variedade mais adaptada ao local, isto é, o agricultor deverá observar qual a variedade que melhor se desenvolve em sua zona, elegendo-a para a formação do amoreiral.

O amoreiral deve ser mantido sempre limpo de quaesquer hervas damninhas.

NOTAS: — Os leitores d'“*A Lavoura*” que desejarem sinceramente organizar um bom amoreiral, como base para uma futura e lucrativa criação do bicho da seda, podem escrever á Estação Sericícola de Barbacena, solicitando um exemplar do tratado “A SERICICULTURA

NO BRASIL”, cuja 9.^a edição se está imprimindo, bem como sementes de amoreira, para o que informarão as dimensões do terreno onde pretendem cultivar a amoreira.

Tanto o livro como as sementes possivelmente começarão a ser distribuidos na época propicia á sementeira da amoreira.

Dentro de poucos dias será encontrado em todas as livrarias ao preço de 2\$000 o meu livrinho “COMO SE ORGANISA O BOM AMOREIRAL”, elegantemente editado por “Chacaras e Quintaes”, repleto de illustrações, escripto com simplicidade e onde é ensinado tudo que se refere á cultura da amoreira por meio de mudas oriundas de sementes. Escolha e preparo da semente, sementeira, viveiro, enxertia, plantação no lugar definitivo, eis os titulos de alguns dos capitulos de “COMO SE ORGANIZA O BOM AMOREIRAL”.

Baratear a produção...
...e melhorar o producto!

EMPREGANDO

NITROPHOSKA IG

▼ **ADUBOS COMPLETOS** ▼

para café, laranja, bananas, canna, hortaliças, batatas, melancias, algodão e cereaes.

Para compras:

FERNANDO HACKRADT & CIA.
RUA S. BENTO, 23 — 2.º andar
S. PAULO

Para quaesquer esclarecimentos:

DEPARTAMENTO AGRICOLA DA I. G.
Caixa Postal, 143
CAMPINAS

A nossa politica do Café

A conferencia do Agronomo Argollo Ferrão,
na Sociedade Nacional de Agricultura



O agronomo Argollo Ferrão, consultor tecnico da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia e Delegado do mesmo Estado junto ao Departamento Nacional de Commercio, realizou na Sociedade Nacional de Agricultura importante conferencia em que examinou, nos seus mais interessantes aspectos, o momentoso problema do Café Brasileiro.

A conferencia despertou vivo interesse e mereceu uma ponderada critica por parte do Dr. Arthur Torres Filho, que presidia a sessão.

S. Ex. associando seus aplausos aos da assistencia, fez, a seu turno, brilhante commentario em torno da situação do café brasileiro, pondo sobretudo, em realce, o valor da collaboração dos technicos na solução duradoura e efficiente do magno problema, agora orientado no sentido de conquistas definitivas, que resultarão certamente da benemerita campanha dos cafés finos. — A conferencia do Sr. Argollo Ferrão, que é um tecnico em agronomia e um estudioso dos nossos problemas economicos, estudos que tem podido aperfeçoar em diversas commissões no estrangeiro, pode ser assim resumida:

Começa S. Ex. abordando a providencia que adoptamos relativamente à retenção do café, e, assim, assignala que a imprensa registra diariamente a situação precaria do nosso mercado de café.

“A politica das “chimicas” economicas, valorização e retenção está dando os seus fructos.

A crise do café — prosegue — pelo mal estar economico, foi um poderoso factor em prol da revolução. Ella teve sua origem na violação do principio da liberdade de commercio, na violação de nossa Constituição. A revolução resolveu modificar a politica do café, creando o Conselho Nacional do Café e a taxa de retenção de 20% do café produzido.

O pagamento a ser feito em café transformou-se em taxa de 10 schillings, a qual foi acrescentada a de 5 schillings, transformando-se os 15 schillings em 55\$000. — Vejamos os resultados: as praças do Rio e Santos, que, em 1931 exportaram 7.006.249 saccos durante os cinco primeiros mezes, este anno exportaram 5.355.254 ou sejam, menos 1.650.955 saccas. A importação do café Robusta das Indias Neerlandezas nos Estados Unidos passou de 6 milhões de libras, em 1930 a 9 milhões em 1931 (dez mezes apenas).

Comparando as importações de café do Brasil e do Robusta de Java, o orador mostra o perigo de augmento do consumo do café Robusta, pois é esse o maior concorrente dos nossos cafés, pelo seu preço inferior e a grande margem de lucro que deixa aos negociantes. — Proseguindo, o orador, repete a pergunta que fizera ao Dr. Fabio Guimarães sobre se poderemos continuar a destruir, todos os annos, oito milhões de saccas de café, para equilibrar o consumo e a produção, em favor dos mais productores que lucram do nosso sacrificio sem cooperar, e não pagam um onus de 78\$000 por sacca.

O orador accentúa que a situação é seria, pois o que é certo é que o café Robusta vae, aos poucos, deslocando nossos cafés baixos, conquistando os mercados, graças á nossa politica de retenção e queima.

Java é um inimigo, um concorrente temivel, reúne optimas condições de clima, terras fertes, vulcanicas, mão de obra disciplinada e barata, transportes facéis. Plantas americanas ahí cultivadas, — a quina, a seringueira, o fumo, a mandioca, dominaram os mercados mundiaes. As usinas de assucar de Java são as que dão os maiores rendimentos em assucar; o cacáo é de qualidade superior, e a plantação systematica do dendzeiro está ameaçando a industria das palmeiras nativas da Africa. — E' claro que a nossa situação do café periga. Dados estatísticos mostram que de 1909 a 1930 a exportação de Santos augmentou de 47%; a dos outros portos do Brasil, de 71%, e a dos outros portos do mundo — de 75%. Estamos perdendo terreno. Cita o orador, a proposito, a observação de Caio Paula Prado, affirmativa de que a politica de retenção dos cafés baixos, alem de favorecer a sahida do Robusta, tambem favorece a venda dos typos baixos colombianos.

A venda dos nossos typos inferiores, a baixo preço, será, conclue o orador, o unico meio de não perdermos os mercados, de alargar as nossas vendas e o consumo do café, obrigar nossos concorrentes a compartilhar do nosso esforço e de lutar contra os succedaneos do café.

Proseguindo na sua analyse o Sr. Argollo Ferrão accentúa — examinando a questão do ponto de vista biologico, que a retenção em todos os organismos (e o organismo social não faz excepção, como o prova a nova bio-sociologia), é equi-

valente a de mau funcionamento, intoxicação, grave mal estar, de que pode resultar a morte.

A retenção de riqueza, como o ouro ou o café, pôde ser comparada á invasão de gordura no organismo. A gordura é uma reserva nutritiva mobilisavel. Uma reserva é necessaria, mas sendo demasiada, sendo a sua formação provocada por um processo artificial, faz correr ao organismo serio perigo de vida. E o orador prosegue, nesse tom, doutrinario, para affirmar que o plano dos armazens reguladores do café é perfeitamente biologico, e que, mesmo certa retenção se justifica. Mas essa retenção nunca deveria ter ido contra as leis da natureza: a lei da offerta e da procura. Não ha decreto que possa revogar as leis da natureza e o remedio é voltar á lei natural: A liberdade de commercio.

Como, porém, voltar a essa situação?

O orador antes de propor as medidas salvadoras examina outros aspectos importantes da produção e do commercio de café. — Allude então, a certa altura, á situação moral em que ficamos os brasileiros para combater os succedaneos do café, quando, entre nós, nos sertões do Nordeste brasileiro o café é o matapasto, fedegoso, milho, feijão, palha de café.

E' lamentavel, pois, que se esteja queimando um genero que poderia ser vendido, com muito maior vantagens, para a economia social e industrial do paiz.

A justiça deve começar por casa. Nós que criticamos o uso de succedaneos no estrangeiro, acabemos com o seu uso no Brasil; não por decretos, por medidas fiscaes, mas apenas pondo o café ao alcance das classes proletarias.

Contracte-se com torradores, em todos os Estados do Brasil, o supprimento de café barato para toda a população e torne-se possivel, a venda da chicara a tostão e verificar-se-á que só o nossos consumo interno é capaz de absorver centenas de mil saccas a mais do que faz actualmente.

Voltando a falar do progresso do consumo do café Robusta, affirma o orador que esse café, embora bem beneficiado, não dá melhor bebida

do que os nossos cafés duros. — Todavia vae o Robusta nos desbancando dos mercados.

Teremos agora de reconquistal-os, desalojando-o, deshabitando o commerciante, o consumidor.

Entrando noutro capitulo de sua conferencia, o orador, fazendo justiça ao Conselho Nacional do Café, dá francos applausos á campanha pró-café fins delineada pelo eminente tecnico Dr. Fernando Costa, assim como á campanha para a eliminação de impurezas e defeitos que prejudicam e oneram o nosso producto. — Demora-se o orador em considerações de ordem technica, preconizando a adopção de medidas que hão de favorecer o Brasil e rehabilital-o nos mercados consumidores.

Dentre outros, suggere o orador, para equilibrar mais rapidamente o consumo e a produção, remediando o plantio excessivo do café, creado pela valorização artificial — uma providencia: além das lavouras annuaes, que até certo ponto restringem a colheita de café e pelos seus productos custeiam ou ajudam o custeio das limpas, lembra lavouras arbustivas, como a do algodão e a da mamoneira. Estas culturas, deixando lucros, compensariam a diminuição da produção do café, e facilmente trariam a diminuição do stock e a normalização do mercado.

Temos, tambem, culturas arboreas que podem dar o mesmo resultado.

Refere-se, então, o orador, ás vantagens das culturas sombreadas e nesse capitulo, faz interessantes considerações de ordem technica.

O conferencista perora, fazendo uma exhortação aos poderes publicos, aos representantes das lavouras, aos technicos, aos commerciantes, para que todos procurem concorrer para o restabelecimento da lavoura do café, que é um problema vital para o Brasil. Como agronomo, embora nunca tivesse a oportunidade para se especializar nesse ramo de agronomia e não tendo a pretensão de dar directrizes, quiz apenas contribuir para elucidar uma situação que lhe parece precaria — termina sob applausos o Sr. Argollo Ferrão.

Casa Jardim

FUNDADA EM 1908

R. Republica do Perú, 47
(Antiga Assembléa)

Rio de Janeiro

Importação directá de sementes para horta e Jardim — Mel de abelha — Sabonetes medicinaes para cães — Passaros, ovos, galinhas diversos — Mistura para passaros, aves, gatos, cães de raça e outros artigos.
Mistura balanceada para gallinhas —
Mistura balanceada para pintos —

Ovos de raça, trocando-se os brancos — Gallinhas de todas as qualidades — Arvores frutiferas e ornamentaes — Maxim — Fibra para orchidéas — Toes para plantação de orchidéas — Formicidas — Medicamentos para matar ratos e baratas — Mudas de flores, Legitimas formigas Cuvabanas — Madoras da formiga Saúva.

Para fortificar seus passaros, use o "CANTORIL"!

Fruticultura dos climas quentes

A CARAMBOLA

A carambola acode ao nome scientifico de *Averrhoa carambola*-Linneu, pertencente á familia botanica dos *Oxalidaceas*, ou oxalideas.

HISTORICO. — Originaria da India; de longa data, introduzida na America e nas Antilhas. E', tambem, conhecida nos tropicos por "*Macieira de Goa*".



Carambola madura

GEOGRAPHIA. — *Asia.* — Na India, é cultivada sob as denominações de *bilimbing*, *tamaratonga*, *camrunga* e *camnie*. No Japão, muito lhe dão de apreço. Na Cochinchina, constitue o *Cay Khe* dos Annamitas.

Africa. — A caramboleira existe em Reunião. *America.* — Foi introduzida na America, tendo-se estendido ás Antilhas e Guyanas. *Oceania.* — Na Malasia, a *Averrhoa carambola* passa por *bilimbing bisi*, e a *averrhoa Bilimbi*, por *bilimbing boulou*.

BOTANICA. — *Arvore.* — Arvore de pequeno porte, muito ramificada, não ultrapassando de 5 metros sua altura, em media. *Folhas.* — Imparipennadas, com foliolos, dois a cinco pares, ovaes, integros, ponteagudos; são glabros e sensiveis ao tacto. *Flores.* — De um bello arroxeadado, ou malva, apresentam-se em pequenos fasciculos cymosos. *Frutos.* — São bagas amarellados, de 7 a

8 centímetros, em media, de comprimento, multilobados, de lóbos salientes, aguminados; pólpa succosa; casca muito fina.

VARIEDADES. — Na *Averrhoa Bilimbi* Linneu, os lóbos do fructo são mais arredondados e as sementes não apresentam arillo. Seus fructos são pequenos e muito acidos; e só se comem cosidos, com assucar. Sua origem é a mesma da *Averrhoa carambola*.

CULTURA. — Semea-se em viveiro, ou vasos, ao abrigo e transplanta-se quando os individuos attingem a 30 centímetros de altura. A caramboleira prefere os logares baixos e humidos.

UTILIDADE. — As sementes das duas *Averrhoa* contém oxalado de potassio e podem servir para tirar manchas de tinta.

As carambolas só são consumidas ao natural, na variedade doce, quando bem maduras; na outra variedade, por causa da sua pronunciada aci-



Carambola, cóрте longitudinal

dez, servem-se cosidas, embora os individuos as prefiram crúas, mesmo como appetivo. Empregam-se, igualmente, na confecção de bôtos e tortas e em compotas, com assucar, mel, etc. São, ainda, usadas como condimento, preparadas com vinagre e sal, constituindo, então, o *atchar*. Esta

palavra se deriva do hespanhol *atschi*, que designa *pimenta*. Na Batavia, prepara-se o condimento, partindo do *tary*, ou *toddy*, ou *callou*, que são vinhos de palmeiras, ou quaes, por fermentação, dão excellentes vinagres; a esses vinagres, juntam brotos de plantas, taes como: coqueiro, palmito, etc., ou fructos verdes e adstringentes:



Carambola, corte transversal

mangas verdes, bilimbis, carambolas verdes, citros, bananas pequeninas, etc.

Para tornar forte e picante o condimento, adicionam-se pimenta e pó de mostarda e quando se destinam os atchars ao arroz, põem-se, ainda, rhyzomas frescos de gengibre.

Em muitos paizes, a carambola serve para a fabricação de bebidas acidas e refrigerentes, para o que, faz-se preciso seccal-a, previamente.

EMPREGO NA MEDICINA. — A carambola é acida, refrigerante; desseccada, ou em tisanas, é calmante de febre; combatem-se as affecções pruriginosas com cataplasmas de carambolas frescas; para corrigir os fumantes de opio, preparam-se pillulas, em que se substitue uma parte do entorpecente, pelo pó de carambola, augmentando-se, imperceptivelmente, as doses de carambola; pôde-se, tambem, ministrar a carambola, em infusão, ou, com a fructa fresca, em alcoolatura.

Aconselha-se não comer carambola durante os accessos de febre, porque pôde produzir-se uma adstringencia tal, que impossibilite os movimentos livres da lingua.

Horto Fructicola da Penha

FORNECIMENTO DE PLANTAS

Araticum	2\$000
Abieiros	2\$000
Abricoteiros	4\$000
Ameixeira do Japão	3\$000
Ameixeira de Madagas.	5\$000
Anonas, desde	2\$000
Araçaseiro corôa	2\$000
Amendoeirás	2\$000
Bananeiras, desde	1\$000
Butiaseiros	10\$000
Cabelludeiras	2\$000
Cajaseiros manga	2\$000
Caimitos	2\$000
Crotons	1\$000
Cidreiras, desde	4\$500
Ficus Benjamin	2\$000
Fruta de Conde, desde	2\$000
Grap Fruit, desde	1\$500
Genipapeiros	1\$500
Grumixameiras	1\$500
Goiabeiras	4\$000
Kakiseiros	3\$000
LARANJEIRAS: Pêra, Bahia, Selecta, Saude, Abacaxi, Sanguinea, Macahé, Selecta - Branca, Campista, Monjolo, Rosa, Cacau, Melancia, Independencia, Japoneza, Bahia-Lima, Santa Catharina, Pêra-Cravo, desde	1\$500
LIMEIRAS: desde	1\$500
LIMOEIROS: Azedo, doce, meudo, caiano, veneza, desde	1\$500
Magnolias	3\$000
Mangueiras (pé franco)	2\$000
Oitiseiros	2\$000
Roseiras (pé franco)	1\$500
Sapotiseiros	3\$000
Tamarindeiros	2\$000

LEÃO & COMPANHIA

AVENIDA D. PEDRO II N. 136
S. LUIZ — MARANHÃO

Caixa Postal N. 46 Telegr. «LEÃO»
Codigos: Ribeiro, Mascotte 1.^a e 2.^a ed.
e A. B. C. 5.^a ed.

ARMAZEM—Fazendas nacionaes e estrangeiras
EXPORTAÇÃO:

Algodão, côco babassú, couros, cêra de carnaúba, borracha e outros generos do paiz

USINA SANTA RITA

Beneficiamento de arroz e sementes oleaginosas
EXPORTAÇÃO: ARROZ PILADO

Rua Antonio Rayol n. 131

Telegr. «LEÃO» CAIXA POSTAL, 46

A CARIOCA

RUA OSWALDO CRUZ, 141

Telegr.: «LEÃO» Caixa Postal, 46

VENDAS A VAREJO

Tecidos de sêda, lã, algodão e mescla—Perfumarias nacionaes e estrangeiras—Meias de seda animal, vegetal, algodão e lã, para homens, senhoras, rapazes e creanças.—Morins nacionaes e estrangeiros.

Enviem-se amostras e preços pelo correio

Habitat Rural Brasileiro

J. A. de Sampaio

Prof. de Botanica do Museu Nacional

Creada a Comissão do Habitat Rural na Sociedade Nacional de Agricultura, e já com o concurso da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, para o fim especial de estudar esse nosso habitat á luz da Geographia Humana, como o faz identica instituição da União Geographica Internacional, coube-me a dupla honra de ser designado para essa Comissão e para presidi-la, o que me leva a desenvolver a actividade que me cabe, na terraplenagem didactica do assumpto em nosso paiz, para entrega-lo depois a mãos mais habéis.

Pessoalmente interessam-me, no estudo do Habitat Rural Brasileiro, as questões attinentes á nossa flora; reconheço, porem, que as nossas questões florísticas são de tal forma entrosadas com as demais, no Habitat Rural Brasileiro, que seria pueril visar a protecção de flora, sem levar em conta as demais exigencias desse habitat.

A Geographia Humana é justamente a sciencia que estuda em conjuncto todas essas exigencias e a sequencia das medidas aptas a satisfazelas, visando o progresso e o bem estar do homem no seu habitat; qualquer que seja a exigencia que se vise satisfazer em separado, não se pode esquecer a interdependencia das questões, á luz da Geographia Humana.

O habitat rural sempre mereceu grande attenção de geographos, sociologos, agronomos e outros technicos, mas, por motivo do excessivo congestionamento das cidades após a grande guerra, tornou-se problema em evidencia, unico capaz de solver a plethora urbana.

Por isso o Congresso Internacional de Geographia do Cairo, em 1925, pô-lo em destaque, o que determinou a criação de commissões especiaes para o seu estudo.

No nosso paiz, o thema sempre mereceu a attenção de nossos technicos e da imprensa; occorre-me lembrar, no momento, um importante e minucioso artigo sob o titulo: "A Vida Rural na Inglaterra", publicada na "Revista Popular", Anno 2.º, Tomo VI, pags. 216 a 226, Rio, 1860, artigo que me foi mostrado no Bibliotheca Municipal do Rio de Janeiro, por um estudioso do assumpto, o Dr. Oscar Pimentel.

Historiando, a proposito de cada habitat, a evolução respectiva, a Geographia Humana foca-

lisa em cada região os obices e os factores do progresso.

Taes ensinamentos atribuem á Geographia Humana um papel educativo altamente dynamico do desenvolvimento de cada paiz; d'ahi chegarem os geographos á conclusão pratica de que divulgar os methodos e os ensinamentos da Geographia Humana é facilitar a todos os povos os mesmos beneficios da Civilisação.

Essa divulgação se faz principalmente util e necessaria, para esclarecer a Administração Publica no melhoramento progressivo das zonas rurales, e para integrar no sub-consciente de cada povo e, em especial das suas massas operantes, como ensinam os Congressos de Educação, os preceitos basicos do progresso: methodo e continuidade.

O methodo consiste em considerar em conjuncto e na sua interdependencia todos os problemas, todos os detalhes de um dado habitat, para que se possa solucionar uma a uma as multiplas questões, com a devida continuidade e na mesma ordem em que praticamente se articulam, entrosam ou interdependem.

Considera cada habitat rural como um intrincado systema de difficuldades ou exigencias biocenoticas; aprecia as possibilidades de cada habitat e por ellas procura guiar, orientar ou suscitar as actuações favoraveis e oportunas da Administração Publica e da iniciativa particular.

Não alimentando hypotheses nem theorias, não visando interesses pessoais ou de classes, sciencias, profissões, politica partidaria, religião ou credo, entrega-se a Geographia Humana a uma ordem de estudos que só desperta sympathias.

E' um dynamo a Geographia Humana, e ao mesmo tempo o mais completo exemplo de cooperação entre as sciencias, para os mais amplos beneficios ao homem, ao lar, ás aglomerações humanas, á humanidade emfim.

E por verificar que mais na vida rural que na urbana pode o homem encontrar felicidade, resolveu a União Geographica Internacional, no Congresso do Cairo, pôr em grande destaque os estudos do Habitat Rural; e constituiu para isto uma commissão permanente, internacional, a Comissão do Habitat Rural, ora sob a presidencia do eminente Professor Demangeon, em Paris.

tendo em vista articular e estimular os conhecimentos esparsos, harmonisar as tendencias particularistas, para que da união de esforços mais facilmente resultem os beneficios que cada grupo de technicos visa de seu lado.

Vejamos o que, antes do Congresso do Cairo de 1925, já merecia a attenção de nossos pensadores.

Na obra publicada pelo Serviço de Inspeção e Fomento Agricolas, sobre "Aspectos da Economia Rural Brasileira", Rio, 1922, isto é, tres annos antes do Congresso do Cairo, Arthur Torres Filho, citando preceitos divulgados por Alberto Torres em 1914, evidenciou a necessidade de coordenarmos em nosso paiz os nossos estudos e os nossos esforços, no sentido da melhoria de nossa vida rural, visando o povoamento do solo e o desenvolvimento economico do Brasil.

Disse Alberto Torres, em sua obra "Problema Nacional Brasileiro": "O nosso paiz precisa, de uma vez por todas, formar um espirito e uma directriz pratica, que o conduza, salvando-o do atravancamento das opinioes e das tendencias particularistas e systematicas em que está dividido, a organizar e pôr em movimento as suas proprias forças".

Accrescentou Arthur Torres Filho, em 1922: "Se esses conceitos synthetisam as idéas do eminente sociologo, em relação ao problema nacional

brasileiro, elles se applicam, com inteiro fundamento, aos diversos aspectos da economia rural brasileira, certo como é que, desde o descobrimento até hoje, a agricultura tem sido a fonte de todas as riquezas do Brasil".

"Entretanto que conhecemos do meio agricola brasileiro e das suas relações com o trabalho do homem?"

"E" verdade que pouco, pouquissimo mesmo, convindo que adoptassemos um plano systematico de investigações scientificas e economicas".

Alguma cousa existe entre nós, mas não constitue obra completa e extensiva a todo o paiz". Eis as palavras de Arthur Torres Filho.

Pois bem, estes mesmos conceitos, emittidos por Alberto Torres em 1914 e por Arthur Torres Filho em 1922, foram os que emittidos depois em relação ao mundo, pelos mais eminentes geographos, determinaram em 1925, no Congresso do Cairo, a organização da Commissão do Habitat Rural, por parte da União Geographica Internacional.

Se me permitem a figura, a Commissão do Habitat Rural Brasileiro, ora creada pela Sociedade Nacional de Agricultura, terá de modelar, para cada região do Brasil, uma verdadeira "maquette" do que poderá ser cada região com os seus attributos naturaes, melhorados pelo engenho humano.

Não será possivel estabelecer já, com essa nitidez architectonica, o plano de melhorar: ento de cada região rural brasileira; a preliminar será reunir os conhecimentos esparsos e incentivar o desenvolvimento desses conhecimentos, estudando todos os assumptos a fundo, como recommendava Graça Aranha, mas por intermedio de especialistas.

São muito numerosas as especialidades subsidiarias do estudo do Habitat Rural na Geographia Humana.

Vejamos em relação ao Brasil.

Temos ainda em nosso paiz regiões virgens, em que o referido estudo se terá de referir a *meio ainda não modificado pelos civilisados*; e outras regiões *modificadas pela civilisação*. (Habitats biologicos).

Para sermos breves, admittamos:

1. *Habitats ruraes primitivos ou virgens.*
2. *Habitats ruraes em exploração.*
3. *Habitats ruraes abandonados* (Tapéras).

Para estudo descriptico, ecologico, genetico, historico e economico de cada um destes tres typos brasileiros, é mister buscar ensinamentos em numerosos campos scientificos e de especialida-

Dias Garcia & Cia.

Grandes depositarios de ferragens em geral, materiaes de construcção, productos chimicos, industriaes e artigos para a lavoura e canalização de agua e gaz. Explosivos e munições. Importadores das excellentes marcas de cimento URCA — JUPITER e SANTA CRUZ — Concessionarios do legitimo coalho marca "Estrella" — Depositarios do "Sarnol triple concentrado", o carrapaticida mais efficiente para o gado. — Ferro em todos os perfis, vigas, chapas lisas e galvanizadas, metaes, arame farpado e liso.

Rua Visconde de Inhauna ns. 23 e 25
RIO DE JANEIRO

des technicas, escapando inteiramente a capacidades individuaes um tal estudo integral.

Vejamos os principaes campos de pesquisas, de que provem subsidios directos para a Geographia Humana, quanto ao Habitat Rural:

1. *Agrologia* ou *Pedologia*, estudo do solo; veja-se a respeito a Conferencia Inaugural do Curso de Agronomia Tropical, no Museu de Historia Natural de Paris, pelo Prof. Aug. Chevalier. (*Revue Scientifique* n.º 11, 1930).
2. *Climatologia* — Levar em conta o papel das florestas no conforto climatico para o homem e na manutenção das boas condições de clima para as culturas. Vide "Quadros Climato-Botanicos" em Lucien Fêbvre — "La Terre et l'Evolution Humaine"; e E. de Wildeman — "Le Problème Forestier en Afrique"; o coefficiente florestal nas agglomerações humanas deve ser de 25 % da area povoada; o destinado a manter as boas condições climaticas para as lavouras deve ser de 40 %, segundo technicos neerlandezes.
3. *Hygronomia* ou classificação do coefficiente d'agua necessaria á vida humana, a planta e animaes, em cada habitat, ou região vide Alberto Torres — As Fontes da vida no Brasil.

A Hygronomia considera especialmente:

- a) Chuvas e Fontes (Meteorologia, Orographia e Physica do Solo).
 - b) Irrigação natural (Potamographia).
 - c) Lagos, lagôas, brejos (Limnologia), tendo a um tempo em conta o valor dos lagos para a irrigação, para a amenidade do clima e a architectura payzagista; por esses motivos, os brejos devem ser de preferencia transformados em lagos, sempre que possivel, em vez de serem aterrados. (Vide H. Dessoliers — "Le Refoulement du Sahara", em *Revue Scientifique* n.º 5, 1930, p. 146).
 - d) As florestas protectoras de mananciaes.
 - e) Anteparos arboreos contra os ventos secos e os ventos fortes; vestimenta protectora das terras contra insolação (São capitulos tambem da Floristica, da Faunistica, da Agronomia, da Hygiene rural, etc.).
 - f) Irrigação artificial, de zonas aridas ou semi-aridas.
4. *Floristica* ou vestimenta das terras: suas utilidades ecologicas, economicas, etc.

5. *Faunistica*, em especial: Fauna util e leis protectoras; fauna nociva e seu combate.
6. *Ethnographia*: Habitat indigena e vida sertaneja em especial.
7. *Geologia* e *Mineralogia Applicadas*: Minas, Jazidas, aguas mineraes.
8. *Hygiene rural*: Medica e Engenharia Sanitaria.
9. *Agronomia*: Culturas a preferir em cada região.
10. *Zootechnia*: Criação compativel com o habitat.
11. *Demogenia* ou povoamento do solo; vejase os ensinamentos do 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia.
12. *Engenharia Rural*, alem da Engenharia Sanitaria já citada; açudes, irrigação, habitações ruraes, pontes, estradas de rodagem, etc.
13. *Instrução Rural*: Primaria, Aprendizados Patronatos; veja-se no Brasil: Projecto Sud Menucci em S. Paulo e Escola Murity, no E. do Rio.
14. *Policia e Assistencia Judiciaria*.
15. *Industrias Ruraes*: Grandes industrias e domesticas.
16. *Comercio*, em especial Mercados Locaes.
17. *Transportes* e vias de comunicação.
18. *Credito e Economia Popular*.
19. *Seguros e Mutualismo*.
20. *Assistencia Official e Fisco*, em especial oportunidades e inoportunidades de impostos especificados.
21. *Architectura Payzagista*.
22. *Diversões locaes*, desportos, cultura physica.
23. *Propaganda e turismo*, em especial: Comités locaes de iniciativa particular.
24. *Legislação Rural*.
25. *Historia ou Chronica Rural*.

Eis em rapido apanhado os principaes capitulos do estudo do habitat rural.

Como se vê, o primeiro objectivo da Geographia Humana ou Anthropogeographia de Ratzel, é pôr em equação todas as questões peculiares a cada habitat, a cada localidade, para que se torne possivel resolve-las, com a devida continuidade, e manter as condicionantes das soluções alcançadas.

Não basta alcançar cada solução de per si e chegar a todas as soluções articuladas no seu systema natural; é preciso depois manter as soluções e visar desde logo a evolução do habitat, evolução que crêa novas exigencias e possibili-

dades, pois, como ensina George Hug, o habitat rural participa da vida humana e evolue com ella.

Partindo do habitat rural o mais rudimentar, uma choupana, um fogo isolado em plena natureza, a Geographia Humana ensina como fazer dessa unidade, a mais singela, o ponto de partida de uma grande cidade.

Disse linhas acima que obtida uma solução para uma questão do systema rural, é preciso mante-la; é preciso começar por dar finalidade effectiva á solução obtida e essa finalidade é ou demogenica ou economica.

Assim sanear uma região; cumprirá manter depois o saneamento, movimentando, dynamisando as fontes de vida locais.

Feito um açude em uma zona arida, é preciso segui-lo do desenvolvimento agro-pecuario que a região comporte desde então, uma vez irrigada; e para assegurar eficiencia ao açude, nas epochas de sêcca é preciso que moralmente os açudes sejam alimentados por agua corrente, vinda de zonas, onde as sêccas não se apresentam; são assim, por exemplo, os açudes no Egypto, alimentados por aguas do Nilo e outros rios permanentes.

Isto não quer dizer que, ao se ter de melhorar um habitat, se tenha de fazer tudo ao mesmo tempo; ao contrario, cada providencia tem sua oportunidade; o que se precisa visar é a boa sequencia das providencias successivas.

Isso depende a um tempo da acção governamental e da iniciativa particular.

Reputa-se tambem de grande importancia a

iniciativa particular, razão porque a Geographia Humana inspira sua universal individualização, na Instrução Publica, desde o Ensino Primario até o Superior, visando diffundir, no sub-consciente de cada povo, o senso alto do progresso, diffusão que já encontra como condicionamento favoravel os anseios individuaes e instinctivos pelo conforto.

A Directoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação do Ministerio da Educação e Saude Publica acaba de divulgar, nos jornaes de 22 de Junho de 1932 o "Decalogo do Professor Rural", de autoria de Dr. J. C. Najera, director das Missões Culturales no Mexico; e então cita o Ministerio, como modelo das escolas rurales brasileiras, a Escola Mirty.

Como vemos e tendo ainda em conta recente projecto do Prof. Sud Menucci, de ensino rural especializado ao meio, na Directoria de Instrução Publica de S. Paulo, estamos no bom caminho de individualização da Geographia Humana no Ensino no Brasil, cumprindo agora ás Comissões especiaes do Habitat Rural que se fundarem em nosso paiz, systematisar para a Instrução Publica todos os subsidios technicos a integrar na Educação Nacional, isto é, no sub-consciente de nosso povo cujas altas qualidades devemos realçar a cada passo, pois o que temos como provas de progresso, provas incontesteis, permite asseverar que progredimos, até mesmo por simples intuição!

De uma feita um illustre cientista estrangeiro que havia pouco chegara ao Brasil, perguntou-me, admirado, como conseguimos ter já tantas realizações notaveis, sem termos escolas especializadas?

Imagine se tivéssemos! Respondi-lhe então, orgulhoso, como sempre, de ser brasileiro.

99,88%
É A PUREZA DO

Formicida "Jupiter"

Segundo Analyse do Ministerio da Agricultura em 4-3-1932

"Elekeiroz" S. A.

SÃO PAULO
Caixa 295

RURALIZAÇÃO DO NORDESTE

JOSE FONSECA FERREIRA,
Agrônomo.



A volta das populações do Nordeste Brasileiro à vida e aos trabalhos do campo, ou a ruralização desta rica região, é tarefa que deve preocupar muito e muito não só o governo federal como, sobretudo, o governo dos Estados assolados pelos terríveis efeitos da secca.

O phenomeno das seccas do Nordeste, apesar de ter caracter regional, tem repercussão em todo o paiz, tanto pela extensão da calamidade que o caracteriza, como pelo tamanho da zona attingida e valor das populações victimadas.

Dahi porque as seccas do Nordeste Brasileiro deixam de ser um problema regional, para se tornar um problema nacional dos mais palpantes.

A vida nomade da gente nordestina, assediada pelas crises climatericas periodicas, dessas socegadas pelas incertezas da sorte, tangida de seus lares pela carencia dos elementos mais indispensaveis á vida, victimada muitas vezes pela fome e pela sêde ao longo das estradas onde ficam enterrados os velhos e as creanças que, por mais fracos, não resistem ás longas caminhadas de dezenas e centenas de leguas, — como ainda agora está acontecendo, — tudo isso, todos esses quadros cujo horror os nossos melhores escriptores têm descripto em cores vivas, diz bem da precariedade economica que caracteriza o systema de exploração da terra e da criação do gado no Nordeste Brasileiro.

O systema de defesa da região secca do Brasil, habitada, aliás, por um povo, cujo espirito temperado nas lutas incessantes contra a natureza mardrasta, é bem um padrão de glorias para o paiz, ainda não

foi encontrado e continua, portanto, a desafiar os cuidados dos nossos economistas e homens de governo, apesar das diversas tentativas feitas nesse sentido com grande dispendio de dinheiros publicos.

Só de uma feita, com a execução de um dos famosos planos de salvação do Nordeste Brasileiro, o governo federal gastou 400.000:000\$000. (Quatrocentos mil contos de réis).

A intenção do governo foi muito boa. Os executores do plano e o proprio plano é que não valiam nada. Esta é que é a verdade, digamos aqui á surdina.

Esta fabulosa somma foi destinada á construcção de grandes obras de açudagem, portos, estradas de rodagem, etc. Tudo isto estaria muito certo se a applicação desse dinheiro tivesse sido real e se não tivessem desviado parte delle para outros fins, como depois se verificou.

Mas além desse crime, houve um erro de origem na organização do plano referido e de todos os outros que têm sido tentados: o abandono em que fica sempre a parte agricola da questão das seccas, que deve ser o lado principal de qualquer plano neste sentido.

Pensamos, cá no nosso ente de razão, que a solução do problema das seccas do Nordeste se prende mais ao desenvolvimento das suas fontes de produção agricola e á criação de novas culturas, do que mesmo ácon-

strucção de grandes e custosas obras de açudagem e barragens, principalmente se levamos em conta o erro que vem commetendo a Inspectoria de Obras Contra as Seccas, deixando de abrir os canaes de irrigação nos açudes já construidos. Acontece, assim, que uma grande extensão de terras que deveria ser aproveitada na agricultura, tem ficado, até agora, inexplorada pela falta dos ditos canaes.

Dahi porque a carissima construcção de grandes açudes como a do Cruzeta e Gargalheiras, aqui no Rio Grande do Norte, tem falhado os seus fins. As vultuosas despesas feitas pela Nação com obras tão caras, não correspondem absolutamente as vantagens advindas ás populações locais.

O problema das seccas sendo, portanto, mais agricola do que propriamente de engenharia, precisa, por isso, ser estudado mais sob o ponto de vista da economia rural da região do que como o têm feito os nossos governos.

Os insuccessos que vêm notabilizando todas as tentativas levadas a efeito oficialmente para resolver o decantado problema das seccas, encontram a sua razão de ser no erro inicial como tem sido encarado o assumpto. E' esta a conclusão logica dos factos.

E' preciso, pois, agora, que o actual governo da Republica, imbuído das melhores idéas no do Brasil, ataque de frente o sentido de renovar a economia problema do Nordeste, cuja solução urge ser dada no momento preciso de uma das mais accentuadas crises, estudando e solucionando-o pela sua rurali-

sação, nova forma até aqui deslumbrada.

Para fixar as laboriosas populações nordestinas á terra, defendel-as das seccas periodicas, proporcionando-lhes condições economicas em que possam resistir a 3 ou 4 annos seccos. — como foram os annos de 1930 e 1931, e, como está sendo o de 1932. — não basta somente a construcção de açudes, barragens, estradas, poços, etc., — é mister, tambem, aparelhar as efficientemente para praticar uma agricultura racional, que só os novos processos de lavar a terra, tratar as culturas, fazer as colheitas e beneficiar-as convenientemente para resistir á accção do tempo, seleccionar o gado, serão capazes de promover tal transformação. E um programma de tamanho alcance só poderia ser praticado com resultado, se o governo federal, em cooperação com os governos locais, tomar muito a serio o assumpto, estabelecendo, de antemão, um plano de conjuncto com um orçamento pre-fixado e votado para um prazo de 10 annos pelo menos.

A complexidade do assumpto, como é a lavoura secca, exige um largo periodo de experimentação, que só ella, *in-loco*, dirá qual o rumo racional a seguir. Ao lado dessas experimentações para melhoramento das culturas actuaes, terá que haver adaptação de novas plantas ás exigencias do meio ambiente.

Ha, correlativamente, a questão do credito agricola facil e a juros modicos, que terá tambem de ser resolvido bem como a importantissima questão do ensino agricola, cuja diffusão terá que ser obrigatoria, e a localisação dos trabalhadores nacionaes em colonias agricolas devidamente organisadas e dirigidas.

Uma legislação sobre terras e desapropriação das que fica-

rem proximas dos centros de consumo e á margem dos rios navegaveis e estradas de ferro e de rodagem, será outro assumpto de magna importancia a ser contemplado no plano de conjuncto.

Ora, todos esses assumptos terão forçosamente de fazer parte do programma traçado, e só com bastante recursos financeiros será possível executá-lo.

Porque não cometter a technicos agricolas nacionaes de reconhecida competencia, a difficil tarefa de estudar e resolver o problema das seccas com a orientação aqui suggerida?

Ha muita cousa a fazer neste sentido. Ha um mundo de pequenos e grandes problemas de

natureza agricola e pastoril a resolver na zona arida do Brasil, cuja solução nunca foi tentada. Esta é a verdade, infelizmente.

A criação de um systema de escolas de agricultura em toda a região do Nordeste com a sua respectiva rede de estações experimentaes, postos zootechnicos, etc., com patrimonio e boas subvenções federaes, que cooperassem logo com os agricultores interessados, seria um grande passo para a solução ou extinção dos efeitos das seccas nesta maravilhose terra de sol causticante.

E' preciso acrescentar: a industria pastoril do Nordeste é tão atrazada quanto a agricultura, e não é mais porque, uma e outra, pegam parelhas na rotina e no atrazo secular.

E' uma lastima tudo isso que se vê por aqui em materia de agriculturar a terra e crear o gado. Nem é bom descrever o empirismo que caracteriza essas actividades da nossa gente.

O polycultura será a salvação do Nordeste. Entretanto, com a uberidade do seu solo, produz o Nordeste, apenas, algodão em pequena escala e por processos culturaes que se não recommendam, além de uma pequena criação de gado, tambem por methodos rotineiros. E' em summa, uma zona monocultura, quando devia e podia ser polycultura. Falta assim, á região das seccas, a independencia economica, sem a qual não será nunca possível o seu progresso.

Estados que importam desde o arroz e a cebola do Rio Grande do Sul, até a pimenta da India e o vinho de Portugal; o queijo de Minas Geraes e as frutas da California; o bacalhão da Noruega e a manteiga do Sul do paiz; o xarque e o feijão paulista, e muitos outros generos de primeira necessidade, são uma região fadada a desap-

HORTULANIA

CASA FUNDADA EM 1884
Especialistas em sementes e plantas de toda especie. — Repr. de Associated Seed Growers, Inc., New Haven, Conn., maiores cultivadores de sementes por atacado da America do Norte. — Exerctos de quaesquer fructeiras durante todo anno. — Adubos chimicos. — Pulverisadores e bombas. — Completo sortimento de ferramentas e utensilios para jardinagem e agricultura. — Formicidas e machinas. — **Productos para tratamento de plantas, animaes e aves.** — Aves e ovos de raças purissimas. — Chocadeiras e criadeiras das melhores marcas. — Repr. de The Buckeye Incubator Co. Springfield, Ohio, U. S. A. — Avicultura em geral. — Aparelhamento de apicultura e industriaes ruraes. — Carrorios Hamburguezes, Frazjezes e Belgas, outros pas-saros. — Gaiolas e suportes. — Aquarios e piscicultura. — Livros e Revistas concernentes ao nosso ramo.

Leite, Cunha & Cia. Ltd.

RUA 7 DE SETEMBRO, 67
Telephone: 4-1352
End. Tel.: "Hortulania-Rio"

CHACARA:
R. SENADOR NABUCO, 38
Villa Isabel - Tel.: 8-0304

parecer do mappa do Brasil, — como, aliás, erradamente, pensam alguns brasileiros menos avisados, — se medidas officiaes de grande alcance economico, como será a sua ruralisação, não forem adoptadas com a urgencia que as circumstancias do momento estão a indicar.

O Nordeste Brasileiro pode e deve produzir, senão todos os productos acima referidos, pelos menos grande parte delles. Paiz das leguminosas importa, no entanto, feijão para o seu consumo; zona propria á creação de raças proprias para corte e para lacticínios manda vir de fóragado e carne para os seus açougues; "habitat" natural das melhores frutas do mundo, como o abacaxy, o cajú, a manga e tantas outras, não tem frutos para o seu gasto e importa todo o vinho e licores de que necessita; podendo produzir o amendoim, a mamona, o gergelin e sobretudo a soja em larga escala para exportação, paga a preço de ouro até o azeite para lamparinas e lubrificação; região onde a pimenta do reino produz admiravelmente bem, podendo abastecer todo o paiz, manda vir da India toda a de que necessita!!!

Tomemos como paradigma da região nordestina o Estado do Rio Grande do Norte.

Pois bem, as terras potyguares, sobretudo as dos seus valles admiraveis como os do Ceará-Mirim e Assú, podem produzir todas as culturas tropicaes,

e, no entanto, sómente a canna de assucar, — trabalhada em velhos banguês, — é nellas explorada, além da mandioca e do algodão, que é a cultura mais importante do Estado.

A cultura do algodão no Rio Grande do Norte não só é feita em pequena escala, isto é, em proporção muito menor que as possibilidades do Estado, como é rotineira e sem o auxilio das machinas agricolas, da adubação e da selecção das sementes. Digamos, porém, a verdade: esta cultura já foi muito peor, antes do apparecimento do Serviço do Algodão e da Inspectoria Agricola Federal, que, com os campos de cooperação com os lavradores, já alguma cousa têm contribuido para o seu melhoramento. Mas o muito que se tem feito neste sentido, é um nada em relação ás necessidades do fomento agricola que tem o Rio Grande do Norte.

Se este Estado, em vez de algodão em pluma, que produziu o anno passado, tivesse produzido 140.000.000 de kilogramos (algarismo ainda longe das suas possibilidades), o que não seria do seu progresso material? Enorme.

Além do algodão da terra potyguar ser o melhor do mundo, principalmente o da região do Seridó, é logico que ao lado dessa

grande cultura teriam que surgir outras culturas, como a de fruteiras, grãos leguminosos e sementes oleaginosas, soja, gergelin, mamona, amendoim, batatas, etc., cuja facilidade de cultura é notoria.

Com o augmento das fontes de producção agricola e pastoril do Estado, o orçamento da receita cresceria na mesma proporção e não seria preciso, assim, lançar mão de novos impostos como se vem fazendo ultimamente no Rio Grande do Norte e demais unidades assoladas pelas seccas.

Fazemos, pois, daqui, um apello ao governo, sobretudo ao Sr. Ministro da Agricultura, no sentido de se estudar um plano de conjuncto da ruralisação do Nordeste, unica solução capaz de minorar ou mesmo de extinguir os terriveis effeitos das seccas nestas plagas dignas de melhor sorte, pelo valor da sua gente cuja tempera de aço dá bem uma idéa da raça brasileira que vem se formando através do tempo e ao calor do sol equatorial, que ao mesmo tempo que tigna a pelle do nosso caboclo fecunda a terra por elle regada com suor do seu rosto e de onde brotam, como por encanto, lindas colheitas, apesar das seccas...

Telephone: 2-6894

Silva & Barreto

Gravadores

ATELIER DE GRAVURAS

RIO DE JANEIRO

43, Avenida Gomes Freire, 43

PROBLEMAS DO CAFÉ

Consumo.—Torrefação.—Degustação.—Propaganda do café no estrangeiro.—Campanha pró-purificação do café

Quando pensei em escrever o presente trabalho tive em vista, a principio, fazer uma ligeira comunicação a esta Sociedade em torno dos "Problemas de Café", que me pareceram importantes e cujos conceitos por mim firmados foram por sua vez inspirados na leitura diária dos jornaes desta Capital e revistas technicas.

Nunca me passou pela idéa fazer da materia do meu trabalho palestra ou conferencia.

Acontece, porem, que, depois delle escripto e porque tratasse de assumptos de certa responsabilidade, entendi de lel-o a um amigo, tecnico na materia.

Foi esse amigo que depois de ouvir a leitura do meu trabalho, perguntou-me que destino eu iria dar-lhe. Disse então, que pretendia lel-o, sob forma de communicado, em sessão da Directoria desta Sociedade.

Aconselhou-me elle que não, transformasse-o numa palestra, lesse-o para o maior numero possivel de pessoas e desse-lhe a maior divulgação que pdesse.

Ahi tem meus senhores, a razão de ser do incommodo que vos proporcionarei de ouvir a leitura desta despretenciosa palestra.

Mas uma justificativa: — em assumptos economicos, sou tido e conhecido entre nós, como especialista em algodão, muitos dos que aqui estão se não de admirar como venho tratar de café.

Para estes responderei que, quando estudante de agronomia em Piracicaba, fiz o meu curso

Conferencia realisada a 15 de Junho na Sociedade Nacional de Agricultura, pelo Agronomo William W. Coelho de Souza

visitando e observando cafésaes e fazendas de café. Depois de formado, as vezes que fui a S. Paulo sempre visitei taes propriedades.

E senhores, durante os 7 annos de minha ingente campanha pelo algodão em S. Paulo, periodo de Dezembro de 1923 a Dezembro de 1930, sempre trabalhei pelo algodão em Fazendas

O laboratorio do Serviço que de Café.

Foi durante esse longo estagio que melhor estudei, observei e acompanhei os "Problemas de Café", desde o campo aos mercados. Nessa epoca segui de perto todos os trabalhos que se emprehenderam em S. Paulo, de restauração dos seus cafézaes, pela applicação racional da adubação, dos outros tratos culturaes: — póda, enleiramento permanente, colheita natural, (o primeiro trabalho escripto sobre este assumpto pelo Snr. Amaral, — o autor do processo, li-o ainda em original, por interessar-me por elle a achal-o racional), combate á broca do café, emfim todos estes assumptos, segui de perto, como talvez poucos o fizessem e possui de tudo isso vasto archivo de publicações que eu li.

Quem observa, lê e raciona com um pouco de logica, póde ter opinião sobre determinados assumptos.

Ahi está porque o homem do algodão póde com algum conhe-

cimento de causa versar sobre "Problemas de Café".

Na terra do Café, não era possivel cuidar bem de algodão, sem estudar, observar e acompanhar os "Problemas de Café", — tão intimamente se acham elles ligados, desde o campo, que são as terras communs das Fazendas de Café, até o problema da saccaria que envolve tantos estudos de algodão.

O Laboratorio do serviço que dirigi, creado para o estudo phisico da fibra do algodão, sob todos os aspectos, acabou estudando exhaustivamente os problemas da saccaria para café

E fizeram-se nesse terreno todos os estudos possiveis em torno da materia, desde o campo, o Gabinete, até a Fabrica.

Eis ahi, explicado o traço de união entre os conhecimentos de algodão e dos "Problemas de Café", na mesma creatura.

Vou mais alem, um especialista de algodão, precisa e deveria estar familiarizado com as condições de certas culturas, com as quaes o algodão se acha ligado, no campo pela *consociação* de culturas e nos mercados nos intrincados entrelaçamentos economicos e interdependencia entre ellas, como é justamente o caso vertente do café e do algodão.

Se na realidade da vida profissional, nunca houve choque entre ellas, espero que tambem neste momento não haja e a assistencia dar-me-á permissão para tratar em particular do assumpto de minha palestra.

Consumo

Aquelles que tiveram oportunidade de assistir a exhibição do

interessante film, sobre o Café, que foi levado á tela, nesta Capital, no "Cinema Imperio" cujo film, conheço bem de S. Paulo, gosaram o prazer de ver uma excellente pellicula nacional, que honra os nossos technicos da Secretaria de Agricultura de S. Paulo, e a nossa industria cinematographica.

Todos os magnificos ensinamentos que contem o bem confeccionado film, são de grande actualidade e oportunidade.

Basta dizer que focalizam pontos essenciaes: — a *produção* dos cafés finos; a *racionalização* da cultura, assumpto pelo qual me tenho batido; e a *diminuição* do custo de produção, (materia que, quando aventei na Sociedade Rural Brasileira, de S. Paulo, os seus directores me contestaram dizendo que, a lavoura cafeeira de S. Paulo, precisava de preços altos de café, e por dous annos mais, isto, ao tempo do plano de valorização de 1928).

Todos os assumptos que se ensinam no alludido film, são, não ha duvida, de grande actualidade. Entretanto, semelhantes ensinamentos devem ser completados por uma campanha não menos importante, a do *augmento* do consumo do café, por todos os modos.

E foi a pergunta que me ficou e de certo deve ter accudido a todos que acompanham os nossos problemas economicos: — *quem vae beber o café fino* que o Brasil produzir; ou onde o Brasil vae collocar a sua futura *produção* de *cafés finos*?

Consumo: — Entro agora a analysar o ponto que pretendo focalisar. Sabemos que o CAFE' é a columna mestra do nosso edificio economico. De modo que, quantos se preocupem com a nossa vida economica, acompanham com interesse as providencias que o Governo Brasileiro, o Conselho Nacional do Café e o Instituto de Defesa do Café, do Estado de S. Paulo e os Institutos dos demais Estados productores, estão tomando no sentido de extinguir os stocks dos nossos Armazens de Deposito de Café.

Estamos queimando o maior numero possivel de saccos de café, com o fim de reduzir os nossos stocks, até extingull-os.

Entretanto, por maior que seja semelhante esforço, teremos a entrada da safra de 1931-1932, avaliada em cerca de 18 milhões de saccos e a de 1932-1933, que se estima em 28 a 30 milhões de saccos, por pequenas que sejam virão, se não sobrevier alguma geada forte, trazer seu contingente apreciavel ás difficuldades do momento. Devemos pensar nisso e preparar o futuro. O caminho seguro será pelo augmento do *consumo do café*.

E' uma phrase, quasi sedica, dizer-se, que, o Brasil é a terra dos paradoxos. E o é especialmente em assumptos economicos:

Desde 1906 — que conheço entre outras, em materia de economia, duas cousas: — *crise da lavoura de café* — e *crise dos industriaes*. Tudo em razão da

falta de um estudo de conjunto dos nossos diversos factores economicos, do *campo* aos *mercados*; e por não procurarmos ouvir a opinião dos que lidam com taes problemas. Não quero fazer divagações para ferir o ponto essencial deste meu trabalho.

Enquanto reconhecemos, — como disse atraz, a necessidade de augmentar por toda parte o *consumo do café*, para que, tenhamos mercados internos e externos para este producto, — no Brasil bebem-se *cafés de misturas*: — com milho, trigo torrado, assucar mascavo, etc.

Em razão disso o que vemos O paladar do brasileiro que toma café, está viciado, no uso de tintas de cafés, de misturas as mais extravagantes, prejudicando a saude do consumidor, alterando-lhe o paladar, fazendo-o desconhecer o café puro e portanto concorrendo para a diminuição do consumo do café.

Que autoridade temos nós para ir á Europa, enfrentar a industria dos succedaneos do café, quando dentro do Brasil, nas duas principaes capitales: S. Paulo e Rio de Janeiro, bebe-se o peor café, producto de misturas diversas.

Em artigo pelo "Jornal do Commercio" desta Capital, focalisei este aspecto do problema. Em trabalho que deixei na Sociedade Rural Brasileira, de S. Paulo, tratei desta questão.

Entretanto, não conheço em S. Paulo, como no Rio de Janeiro, nenhuma campanha, nenhuma attitude dos poderes publicos,

M. JESUS DA CONCEIÇÃO

— o o o —

RUA CLAPP, 48—Tel. 3-1441—Rio de Janeiro

Pinturas e
reformas
de predios

pelos seus órgãos competentes, no sentido de coibir a fraude no commercio de café, de evitar a mistura de outros productos ao café. Saude Publica fiscaliza outros generos de alimentação, porque não intensifica a fiscalização de café, fornecendo a campanha pela sua purificação?

Na Capital do Brasil, maior productor de café, os poderes

Não é só isso. Ha cousas mais chocantes a esmiuçar. Nesta Capital, talvez o maior consumidor de café, seja o proprio Governo, para o suprimento de suas forças armadas: marinha, exercito, policia militar e outras corporações. Segundo fui informado em rodas commerciaes deste producto, o fornecimento é feito á razão de 1.590 rs. o kilo, digamos, não posso preci-

um producto puro. Quer dizer que, nestas corporações o seu pessoal bebe cafés de misturas e sabe lá, de que natureza!

Se tal facto se verifica com o Governo brasileiro, que deveria ser a maior interessado, no augmento do consumo do nosso café, que elle se vê forçado a valorisar artificialmente, e que reconhece ser a maior riqueza para o Brasil, não podemos nos



Colheita do café na Fazenda Guatapar — S. Paulo

competentes dão licença, permitem que se venda, em casa luxuosa, com grande reclame: — café torrado com assucar e já se começa annunciar a venda de café maltado, ou seja o producto da cevada torrada.

Isto faz-se aberta, ostensiva, publica e naturalmente, aqui, no Brasil. Como impedir que se faça na França, ou qualquer outro Paiz da Europa, a propagação do uso do café, com mistura de seus succedaneos; ou só destes, sem café, como é o caso da *cevada maltada*?

sar bem as centenas ou dezenas de reis; torrado, moido, empacotado, sellado e entregue nos respectivos estabelecimentos. Entretanto, o preço do café, cr, antes de torrar é de 1.500 reis o kilo, do typo 8, o mais baixo da escala. Como é possivel fornecel-o á 1.590 réis, tendo de fazer todas as despesas de torra, moagem, empacotamento, transportes, sellagem e reservando lucros a todos os negociantes intermediarios do negocio? Claro está que, o café fornecido, não é, e nem pde ser

admirar de que nas cidades da Allemanha, da Austria, da Tchecoslovaquia e da França se use café, com misturas de chicorea, trigo, figo e outros productos. Tão viciados estão os povos desses Paizes, no uso de *cafés misturados*, como os brasileiros.

Ha ainda nesta Capital facto mais extraordinario. Podemos comprar gravatas desde 50\$000 até 2\$000; ternos de cazemira desde 500\$000 até 60\$000; prm o carioca não poderá beber cafés finos. E não o pde por-

que a tabella da Prefeitura admittê apenas, o preço maximo de 2.800 reis o kilo, que é o unico pelo qual se pôde vender os cafés de typo 8, torrados com mistura, capazes de dar lucros ás torrefações.

As nossas torrefações não poderão expôr os seus typos de cafés finos, provenientes de um typo 2, bem preparado, que se destinaria ao paladar de um consumidor mais apurado, mais exigente. Semelhantes cafés finos não se poderiam vender por 2.800 o kilo; o preço minimo pelo qual poderiam ser vendidos seria digamos 4\$000, que compensaria o custo de aquisição, torração, moagem, embalagem, sellagem, transportes e intermediarios.

Como poderemos ter exito na campanha de producção de *cafés finos*, que vem fazendo com magnificos resultados praticos o Instituto de Defesa do Café, de S. Paulo, os demais Institutos e vae iniciar o Conselho Nacional do Café? Pelo exposto, vê-se que, os consumidores cariocas ficarão privados do uso de *cafés finos*; só poderão utilizar-se dos cafés de typos baixos. Se não houver modificação das tabelas de preço da Prefeitura do Districto Federal, e se não tivermos exportação para os *typos finos*, o fim que os aguarda será a cremação! E' curial, mas, são cousas brasileiras. E' porque assim estão feitas, embora erradamente, ha receio de se modificall-as. E' provavel que assim continuem.

Os factos apontados estão a indicar que o Governo da União, pelos seus órgãos competentes, e o Instituto Nacional do Café, como declarou o seu Presidente em S. Paulo, precisam lançar as suas vistas para estas cousas, no sentido de reprimir a fraude no beneficiamento e commercio do *café torrado*; como tomar todas as providencias necessarias, com

o fim de facilitar dentro do Paiz, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, o maior *consumo* de cafés bons, sem *misturas*.

Torração: — Oe norte a sul do Brasil, ha um erro fundamental, no uso do café, que é preciso corrigir. Aquelles que torram o café em casa, por qualquer dos processos conhecidos, estão geralmente acostumados a torrarem-n'o até ficar preto, carbonisado quasi; quando nisso ha um prejuizo manifesto para a boa degustação do café. E' preciso ensinar a torrar o café, como elle deve ser torrado, para que, conserve as suas assencias, o seu aroma e o paladar, cujo ponto de torração perfeito, é aquelle em que os grãos ficam com uma côr marrom escura, sem apresentar a côr preta de grãos carbonisados. Neste ultimo estado, durante a torção prolongado tempo que fica do calôr, da alta temperatura e refação exagerada, pela acção sob a acção do calôr, o café perde, pela volatilisação, as suas essencias, que lhe emprestam, o aroma agradável, como bebida depois de servida na chicara e o paladar especial do bom café.

E' curioso dizer-se isso no paiz de maior producção de café. No Brasil, temos que admittir, que, em geral não sabemos torrar e degustar o bom café. E sabem quem nos veiu ensinar isso em S. Paulo? Foram os Americanos do Norte, os maiores compradores e consumidores de Café. Lidando com clientela grande e de gosto apurado e procurando apresentar-lhe pro-

ducto que a satisfizesse, de estudos em estudos, os Americanos verificaram que esse é o melhor systema de torrar bem o café.

E que o systema de torração modifica o paladar do café, profundamente, verificou-se nas provas de chicara, que se fizeram em S. Paulo, durante a campanha que a Secretaria da Agricultura fez ali. As pessoas que visitaram as dependencias da Secção de Café e provaram o café, torrado ao ponto conveniente, moido sem mistura e degustado immediatamente, uns achavam-n'o melhor assim, outros os mais francos confessavam que o paladar do café era outro, uns gostavam e mostravam-se surpresos de até aquella epoca nunca terem tomado o café, como se deveria preparar; finalmente outros preferiam o paladar que conheciam, ou seja, haviam ficado viciados, no talso paladar do café, tomando-o preparado por processos errados e diferentes daquelle. Assim o Dr. Fernando Costa, então Secretario da Agricultura e o pessoal da Secção de Café, recebiam de uns parabens since, ros, de outros puramente convencionaes.

Todavia á tarde, era grande na Secretaria de Agricultura, a frequencia dos tomadores de café, para beberem-n'o ali.

Este facto mostra que devemos antes de mais nada fazer em todas as cidades brasileiras intensa propaganda, não só da producção dos cefés finos, cujo preparo começa desde a colheita, segue-se no terreiro, nas tuilhas, nas machinas, até entre-

**SEM BOM SANGUE POUCO VALE A VIDA
DEPURASE
PODEROSO TONICO-DEPURATIVO**

Francisco Gilioni & Cia. - Rua 1.º de Março, 17 - Rio de Janeiro

gal-o ao consumidor. Como ainda, se deverá fazer uma grande campanha educacional do povo, nas Escolas, nas corporações, nos Hospitales, Casas de Saude, Associações de Classe, por toda parte, ensinando-o a evitar e combater o uso dos *café de mistura*, denunciando os fraudadores; e quando o tenham de torar em casa, fazel-o como acima indiquei.

Allegam os que empregam o assucar na torração de café, que augmenta o rendimento da bebida, o que quer dizer, diminue para determinada quantidade de liquido a preparar, a porção de café que se terá de utilizar. Ha ahi uma economia aparente do consumo de café e das despesas com este. Digo aparente porque os males para a saude são grandes, como demonstrarei.

3.º jacto e seccado nas turbinas das Usinas. Nos Banguês — o chamado assucar bruto, é fabricado com o mel, que fica bastante tempo nos depositos, para crystalisar e onde pela longa demora o melado entra em fermentação. Depois é posto nos saccos para escorrer. Em ambos os casos contem certa percentagem mais ou menos alta de mel, que não se crystalisou e



Fazenda Boa Vista — S. Paulo — Lavagem do café

Degustação: — Nesta ordem de idéas ha outro facto que é preciso assignalar aqui e que se deverá ter em mira na campanha educacional acima referida, é o relativo á mistura do assucar ao café, por occasião da torração.

E é este um vicio muito generalizado no Paiz, de norte a sul. Lembro-me desde menino as campanhas que tinlia minha mãe, no Maranhão, com os nossos cozinheiros, para não torarem o café, com assucar. E' muito commum esse uso, tão prejudicial, como passarei a expor.

Vejamos os inconvenientes do uso de um café torrado até ao ponto de ficar preto, carbonizado e ao qual misturou-se o assucar. A bebida que sahe com a addição differente do bom café faz-se quasi uma infusão de carvão de café com assucar queimado.

O assucar geralmente empregado na mencionada mistura e o *mascavo*, por sua vez um producto ordinario. E' preciso recordar como provem semelhante assucar para termos uma idéa do mal que póde causar á saude semelhante bebida. E' elle um producto derivado de melado de

que portanto, permanecendo de mistura com o assucar, fel-o fermentar e dahi o gosto de azedo que têm todos os assucars baixos.

Por sua vez a mistura de taes assucars com o café na torração, leva ao producto a *acidez* daquelles, e dahi o gosto acido de taes cafés, e a tendencia de produzir mal estar no estomago do consumidor e obrigal-o a "cuspir preto" na phrase do nosso cabloco, depois de ingerir tal bebida. Dahi derivam-se certas leves perturbações gastricas, de estomagos sensiveis.

Temos, portanto, com seme-

lhantes cafés, uma bebida de paladar desagradavel e até nociva a saude. Impõe-se-nos por conseguinte o dever de ensinar o povo brasileiro a degustar o bom café, para evitar-lhe os inconvenientes apontados.

Propaganda do café no estrangeiro: — Depois que tivermos feito intensa campanha repressiva nas nossas Capitães e cidades importantes, contra a fraude na moagem e torração do café, no sentido de cohibir o consumo de cafés de misturas e que tenhamos conseguido exito nesses trabalhos, o Brasil terá autoridade moral para entrar noutros Paizes, apresentando o seu producto e delle fazendo propaganda.

Enquanto, porem, consumirmos cafés de misturas as mais diversas, nos fallece autoridade para enfrentarmos fóra de nossas fronteiras os cafés de outras procedencias e a concorrência que fazem a estes, os seus succedaneos, nos mercados da Europa e mesmo da America do Norte.

Tudo, porem, leva crer que deante dos trabalhos que se vêm desenvolvendo pelo Conselho Nacional do Café, e os Institutos de Café de S. Paulo e de Minas Geraes, novos rumos tomarão as cousas; e então é de esperar-se, que em S. Paulo, Rio de Janeiro e todo o Estado de Minas Geraes, se possa consumir marcas de cafés, puras, sem misturas e a preços razoaveis.

Isto posto passemos a considerar a necessidade da propaganda do café no estrangeiro, que é o titulo marginado neste capitulo.

Uma intensa propaganda que se venha a desenvolver no estrangeiro, sob o influxo das novas medidas em execução, terá que considerar: —

- a) nos Paizes onde já seja conhecido o café, em maior ou menor escala;
- b) campanha pro-purificação do café, em Paizes onde elle seja conhecido, mas que o consumo dos seus succedaneos seja grande (Alemanha, França, Belgica, Austria, etc.);
- c) conquista de novos mercados: — Russia, Turquia, Japão, India e China.

Faço pela ordem natural das cousas em materia commercial, o ultimo item depender do segundo; como o segundo do primeiro, pela facilidade e vantagens economicas que taes Paizes possam offerecer.

E' intuitivo que será de exito mais provavel uma propaganda bem feita do café, em certos Paizes, de *pequeno consumo* deste producto, como acontece com a Esthonia e a Lethuania, onde o Conselho Nacional do Café, resolveu acertadamente, contractar a propaganda deste producto: — como tambem se poderá dar com os Paizes da Europa Central, do que, por exemplo, com a India, a China e o Japão.

Naquelles citados Paizes, de qualquer forma já, o povo conhece directa ou remotamente o café; ha deste algum consumo, ao passo que, nos tres ultimos, a propaganda terá que lutar contra habitos inveterados do povo, acostumado ha seculos, ao uso do chá, tal como acontece com os inglezes. Tambem a Inglaterra foi contemplada pelas preferencias do Conselho Nacional do Café.

Enquanto, no primeiro grupo de Paizes citados, como a Esthonia, a Lithuania, os demais da Europa Central, o trabalho ter-se-á de fazer por uma propaganda bem orientada e pela extrema facilidade de distribuição do café, pondo-o ao alcan-

ce de todos os consumidores, aproveitando o vago conhecimento que tenham delle as suas populações, no Oriente, ou na Inglaterra — ter-se-á de enfrentar o uso inveterado do chá.

Pondo o problema no mesmo pé de egualdade, que no nosso caso: o brasileiro está com o seu paladar viciado no uso dos cafés baixos, de misturas (com milho, trigo, leguminosas e assucar), difficilmente habituarse-á ao uso de cafés puros, sem misturas.

Não conheço nada mais difficil na vida do que modificar habitos alimentares, arraigados, durante seculos; haja exemplo do quanto se tem escripto em livros, revistas e jornaes, contra o uso abusivo da carne, entretanto, em todo o mundo, apesar da sciencia e da experiencia dos sabios, baixam ao tumulto milhares de creaturas que, "cavaram com os dentes a sua sepultura".

E' mais facil viciar a humanidade no uso de mais um veneno, do que substituir um alimento por outro. Quem não sabe que a vida humana se acha circumscripita ao cyclo de ago dos preconceitos!

Por tudo isto considero de effectos muito remotos a propaganda do uso do café em todos os Paizes do Oriente, ou na Inglaterra, cujos povos são bebedores de chá.

Ha dias o "Jornal do Brasil", numa editorial a favor da propaganda do café da India, mostrava entre outras vantagens a possibilidade do intercambio do nosso producto com a Juta indiana. Aproveito o ensejo para dizer que o articulista neste ponto de sua argumentação não tem razão. Se os nossos Governos e as Empresas particulares de fiação e tecelagem de Juta e Canhamo, prestarem a devida attenção a este palpitante problema nacional, servindo-se

a) o augmento do consumo

de todos os estudos já feitos no Brasil; dentro de dous annos, poderemos estar livres da contribuição indiana destinada ao abastecimento das nossas industrias, pelo racional aproveitamento de nossas fibras.

A proposito de propaganda do café, indico á leitura dos interessados, o magnifico artigo do Sr. F. Teixeira Orlandi, incerto no numero de Maio da Revista do Instituto de Café, de S. Paulo. O articulista aborda bem a materia e colloca-a nos seus devidos termos. Faço ponto aqui e passo a outro capitulo, que reputo de utilidade.

Campanha pro-purificação do Café: — Semelhante campanha teria por objetivo enfrentar os succedaneos do Café, na Europa, especialmente, na Allemanha, França, Belgica, Austria e outros Paizes, onde esta industria se acha organizada e as populações encontram-se habituadas a tomar o café, misturado com taes succedaneos, ou tomal-o puro, com o nome de café, como se estivessem bebendo de facto, qualquer cousa onde houvesse na realidade café.

Para discutir esta materia valho-me dos recentes dados do interessante artigo do Sr. Alipio Dutra, sob o titulo "A INDUSTRIA DOS SUCCEDANEOS DO CAFE' na Allemanha", onde o autor, mostra documentadamente a questão em varios detalhes, na já citada Revista do Instituto de Café, de S. Paulo.

O Sr. Alipio Dutra faz um estudo retrospectivo desta industria, desde 1913 até o presente. Por esse estudo vê-se que a proporção do consumo do café "per capita" — que era em 1913 — expresso pela relação 2:5, passou hoje de 1:3; sendo os algarismos maiores das duas relações referentes ao consumo dos succedaneos.

Segundo o mesmo autor, "o consumo dos succedaneos na Al-

lemanha, é cinco vezes maior do que o consumo do café".

Estes succedaneos são representados pela cevada ("café maltado"), o centeio, o trigo, a chicorea e o figo; constituindo productos de uma grande industria perfeitamente organizada. Destes o mais importante é o primeiro, que é tambem o mais apreciado de maior consumo, representado em 1913 por 100.000 toneladas (é prohibido hoje o estudo e a divulgação dos dados estatisticos relativos a industria e ao consumo dos succedaneos do Café).

Existem na Allemanha 11 Usinas completas e bem aparelhadas para a produção dos succedaneos do Café e pertencentes a "Kathreiners". A mesma Empresa possui outras Usinas, na Austria, na Tchecoslovaquia, na Hungria, na Yugoslavia, na Rumania, na Polonia, na Lethonia, na França, na Hespanha, na Suissa, nos Estados Unidos, na Argentina e na Italia.

Em virtude do trabalho de tão importante organização, o consumo do "café malt", ou seja da bebida de centeio, sem café, na Allemanha, segundo os dados do referido autor, "é de quasi o dobro do consumo de café brasileiro".

Diz a mencionada Empresa que em territorio Alemão bebem-se 33 milhões de chcaras de "café malt", contra 1/3 do consumo de café puro!

Assignala o Sr. Alipio Dutra no seu artigo que, a mesma Empresa nos seus reclamos, diz que o gosto do "Café Malt" — appro-

xima-se muito do verdadeiro café.

A produção da chicorea, que vem em segundo logar, foi representada na Allemanha em 1927 por 80 milhões de kilos, ainda conforme o Snr. Dutra.

Alem da mencionada grande Empresa Alemã ha outras grandes e pequenas, num total de 240 fabricas de succedaneos; a tal numero deve-se accrescentar que todas as torrefações trabalham com succedaneos, geralmente a cevada, com o nome de "Café Malt".

Por essa razão observa o Snr. Alipio Dutra a produção dos succedaneos passou de 193 milhões de kilos, em 1913, para 350 milhões em 1930, dos quaes 250 milhões foram representados pelo "Café Malt". — Ao passo que, no mesmo anno, o consumo do verdadeiro café, foi de 126 milhões de kilos! —

Parecendo-me interessante passo a ler as proprias palavras, do Snr. Alipio Dutra: —

"A grande divulgação do uso dos succedaneos é devido ao seu preço extremamente baixo e tambem ao facto de estarem elles visceralmente ligados á economia dos paizes onde são produzidos.

Encerrando commumente materias cultivadas no proprio local do consumo, tem o condão de despertar grande interesse não só nos agricultores, como tambem nos governos que, naturalmente, defendem as industrias nacionaes.

O habito teutonico de consumir succedaneos se avolumou de



Francisco Giffoni & Cia.

Hua 1.º de Março, 17

RIO DE JANEIRO

tal forma durante a guerra que poucas são, actualmente, as indústrias alimenticias que lhe rivalsem em importancia de producção. Basta dizer, para illustriar o que affirmo, que a industria do "malt" se colloca em segundo lugar, immediatamente após a cerveja, como consumidora de cerveja.

Adquiri na Allemanha um pequeno mostruario intitulado "O Café", destinado ao uso das escolas primarias, composto de um ramo artificial de cafeeiro e de diversos tubos contendo cafés verdes e torrados de diversos typos, — entre os quaes o de Santos, — cafeina, etc. Sob a denominação café vem ainda a serie completa dos succedaneos — cevada, figo, centeio, chicorea.

A campanha a favor dos suc-

cedaneos, em todas as camadas sociaes desse paiz, attingindo até ás creanças das escolas, concorrerá sem duvida alguma não só para crear sérios embaraços ao augmento de consumo do café, mas até para a sua diminuição.

Não devemos nos illudir com o augmento observado no consumo teutonico do café. Elle é devido, principalmente, á volta do commercio allemão ao seu estado normal de antes da guerra, graças ao seu melhor estado financeiro.

Do que temos necessidade, é de ir desfazendo todas as difficuldades que se apresentarem afim de que o consumo não só atinja, mas ultrapasse as cifras de 1913.

Não temos o direito de impedir que se fabriquem e que se bebam todas as especies de succedaneos. Parece-me, entretanto, que devemos e podemos lan-

çar mão de meios capazes de acabar de vez com o abuso prejudicialissimo para nós de ser dada a denominação de CAFE' a um outro producto qualquer, que não seja o grão produzido pelo cafeeiro. Não ha nada que justifique a denominação CAFE' para designar a cevada, o centeio, o figo, a chicorea, ou, emfim, um grão de bico torrado.

No dia que conseguirmos que o emprego da palavra CAFE' só sirva para designar exclusivamente o café verdadeiro, teremos prestado um grande, um relevantissimo serviço de protecção ao nosso principal producto de exportação, pois evitaremos com isso a lamentavel confusão que já hoje existe e que tende a augmentar na Allemanha, entre o CAFE' e a série de succedaneos que indevidamente lhe tomam emprestado o nome".

REFINAZIL

FARELLO PROTEINOSO

Uma vacca precisa de uma certa quantidade de alimento para a manutenção de seu corpo.

Alimentada com meias rações — a produção de leite soffre.

Alimentada com rações adequadas, correctamente balanceadas, ella produzirá a quantidade maxima de leite.

Peça-nos formulas balanceadas contendo "Refinazil" e outros componentes apropriados.

o o o

REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL S/A
CAIXA 2.972 — SÃO PAULO, BRASIL

CASA FLORA

Schlick & Nogueira



Rio de Janeiro
Ouvidor, 61
Gonç. Dias, 67

TRABALHOS
MODERNOS EM
FLORES
PARA TODOS OS
FINs.

PLANTAS - fructiferas e ornamentaes.
SEMENTES - import. directa.
FERRAMENTAS - INSECTICIDAS - AJARDINAMENTO.

A Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzeram 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscrevei o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

VANTAGENS

Recebimento de A LAVOURA, seu organ official, gratuitamente, bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

Fornecimento, de plantas e sementes, vacinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, maerial agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, *encarrega-se, gratuitamente, do Registo das Propriedades Agricolas* no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum para os seus socios.

Trata da obtenção de transporte gratuito para plantas, sementes, machinas agricolas, animaes de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerio da Agricultura.

Responde ás consultas sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

Elabora projectos e orçamentos para construcções ruraes e de força hydraulica.

Incumbe-se da venda de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, *sem cobrar commissão*, aceitando-os, outrosim, em pagamento das contribuições sociaes.

Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente, do pagamento de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do recebimento de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

Fornee cotações e informes sobre mercados.

Serve de intermediaria, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.

Conquistae o título de remissão, propondo 10 socios novos!

PROPOSTA PARA SOCIO

Proponho para socio da Sociedade Nacional de
Agricultura o Sr., residente
....., Municipio Estado
..... de de 193..

(Assignatura do proponente)



HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras



Optimos exemplares de plantas ornamentaes



Laranjeiras — Typo exportação



Mangueiras das melhores variedades



Remessas a domicilio — Frete Gratuito
Abatimento aos socios da Soc. N. de Agricultura



Solicite informações á :

RUA 1.º DE MARÇO 15 - SOB. — RIO DE JANEIRO



FABRICAÇÃO do Moinho da Luz

- Torta completa N. 1 para vacas, cabras
e coelhos.
- Torta completa N. 2 para suínos.
- Torta completa N. 3 para pintos.
- Torta completa N. 4 para frangos.
- Torta completa N. 5 para galinhas.
- Torta completa N. 6 para cavalos e
muíares.

■ ■ ■ ■

Bons animais
Maior rendimento

■ ■ ■ ■

Pedidos ao

M o i n h o d a L u z

RUA DO ROSARIO, 160

Rio de Janeiro